

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Bacharelado em Antropologia - Arqueologia



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ANÁLISE DO PERFIL TECNOLÓGICO DA INDÚSTRIA CERÂMICA DO CERRITO
PSG-06 VALVERDE, PELOTAS/RS-BRASIL**

RICARDO RATTO FINKLER

Pelotas, 2014

RICARDO RATTO FINKLER

**ANÁLISE DO PERFIL TECNOLÓGICO DA INDÚSTRIA CERÂMICA DO CERRITO
PSG-06 VALVERDE, PELOTAS/RS-BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia: linha de formação em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Guedes Milheira

Pelotas, 2014

Banca examinadora:

Dr. Claudio Baptista Carle

Dr. Jorge Eremites de Oliveira

Agradecimentos:

A minha família, que sempre, de alguma forma ou outra me apoiou, me incentivou e repreendeu na hora certa, no momento exato.

Ao curso de Antropologia-Arqueologia da UFPEL, aos professores e aos colegas que estiveram comigo durante esta etapa, estes que de maneira direta ou indireta, fizeram com que eu abrisse os olhos para a diversidade cultural que nos rodeia, e que antes passava despercebida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rafael G. Milheira que sempre se fez presente quando precisei e que me deu todo o suporte necessário para a realização deste trabalho.

Ao pessoal do LEPAARQ, e me dirijo a todos, pela forma com que fui recebido durante todo período de elaboração desta pesquisa.

Resumo:

FINKLER, Ricardo Ratto. **ANÁLISE DO PERFIL TECNOLÓGICO DA INDÚSTRIA CERÂMICA DO CERRITO PSG-06 VALVERDE, PELOTAS/RS – BRASIL.** 2014. 92f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Bacharelado em Antropologia. Linha de formação em Arqueologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Esta pesquisa discorre sobre a cerâmica dos cerritos, mais precisamente o material oriundo do cerrito PSG-06 Valverde, localizado no Pontal da Barra, na praia do Laranjal, Pelotas/RS-Brasil. Além de trazer uma sintética caracterização do que são esses montículos, discute aspectos tecnológicos da indústria ceramista dos grupos construtores de cerritos, apresentando um perfil da tecnologia cerâmica desse sítio. A pesquisa no cerrito PSG-06 Valverde faz parte do projeto: Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim, em desenvolvimento pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL).

Palavras-chave: Arqueologia, Cerritos, Tecnologia Cerâmica.

Lista de figuras:

Figura 01 - Desenhos das vasilhas da Tradição Vieira (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 2006).....	24
Figura 02- Mapa do município de Pelotas com a localização dos sítios arqueológicos Guarani (pontos em vermelho) e cerritos (pontos em verde). Retirado de Milheira (2013).	28
Figura 03- Vista aérea da várzea do canal São Gonçalo, indicando a localização do Pontal da Barra, à margem da laguna dos Patos. Retirado de Milheira (2013, p. 8).	30
Figura 04 – Imagem de satélite do Pontal da Barra que mostra o conjunto de cerritos associados (PSG-02, PSG-05, PSG-06 e PSG-07) encobertos pelo capão de mato. Retirado de Milheira (2013).	31
Figura 05 - Observa-se nessa foto a altura do cerrito: mais abrupto e evidente na paisagem. Retirado de Milheira (2013).....	31
Figura 06 – Neste croqui é possível observar a malha das três quadrículas escavadas no topo do cerrito, na campanha de 2012, e também as demais quadras escavadas no entorno do montículo, ano de 2013. Retirado de Milheira (2013).	32
Figura 07 – quadro de datações do cerrito PSG-06. Retirado de Milheira (2013)	33
Figura 08 - Foto da malha de quadrículas da área de 1m X 3m, nível 1, sentido sul-norte (quadras: 1000N/1000L, 1001N/1000L, 1002N/1000L). Retirado de Milheira (2013).	33
Figuras 09 e 10 - Perfil estratigráfico e coleta de sedimento das colunas amostrais. Retirado de Milheira (2013).	34
Figura 11 - Desenho de perfil estratigráfico leste do cerrito PSG-06, evidenciando a coluna amostral e as feições a, b, c. Retirado de Milheira (2013).	35
Figura 12 – Desenho do perfil estratigráfico oeste do cerrito PSG-06, evidenciando a coluna amostral e as feições D e E. Retirado de Milheira (2013).	35
Figura 13 – Exemplos dos tipos dos três tipos de borda encontrados no acervo do cerrito PSG-06.	41
Figura 14 – Desenho das bordas e projeção das vasilhas abertas.	43
Figura 15 – Desenho das bordas e projeção das vasilhas de formato fechado.	44
Figura 16 – Desenho das bordas e projeção dos vasos paralelos	44
Figura 17 – nº peça 114.03.838 – Presença de até 10% de antiplástico. Foto do autor.	47
Figura 18 – nº peça 114.01.200 – Presença de antiplástico de 10 a 30%. Foto do autor.	48
Figura 19 – nº peça 114.02.356 – Presença de 30% ou mais de antiplástico (grifo em vermelho). Foto do autor.	48

Figura 20 – nº peça 114.01.045 – Antiplástico fino com até 2mm (grifo em vermelho). Foto do autor.	50
Figura 21 – nº peça 114.03.634 – Antiplástico médio de 2 a 4mm (grifo em vermelho). Foto do autor.	50
Figura 22 – nº peça 114.01.180 – Antiplástico grosso (grifo em vermelho). Foto do autor.	51
Figura 23 – Tratamento da superfície interna alisado. Foto do autor.	54
Figura 24 – Tratamento da superfície interna alisado com polimento. Foto do autor.	55
Figura 25 e 26 – Artesão em contexto Kaingang produzindo a técnica do esfumaçado. (fotos: RODRIGUES, 2007).	55
Figuras 27 e 28- Peças de origem Kaingang com o esfumaçado interno e externo, semelhante ao que foi encontrado em fragmentos de cerâmica oriundos do cerrito PSG-06. (fotos: RODRIGUES, 2007).	55
Figuras 29 e 30 – nº peça 114.01.174 e 114.02.358 – diferenciação da técnica do esfumaçado (esquerda) para fragmento com presença de fuligem interna (salientado em vermelho, direita). Foto do autor.	56
Figura 31 – peça com esfumaçado interno. Foto do autor.	56
Figura 32 – nº peça 114.02.565- Obliteração dos roletes (grifos em vermelho). Foto do autor.....	57
Figura 33 – nº peça 114.02.416 - Esteco de oleiro superfície interna (grifado em vermelho). Foto do autor.	58
Figura 34 – nº peça 114.02.519 – Esteco de oleiro superfície externa. Foto do autor.....	59
Figura 35 – nºpeça 114.03.943 – Alisado interno. Foto do autor.	61
Figura 36 – nº peça 114.02.560 – Alisado refinado interno. Foto do autor.	62
Figura 37 – nº peça 114.02.250 – Alisado áspero. Foto do autor.	62
Figura 38 – nº peça 114.01.104 – Alisado irregular. Foto do autor.	63
Figura 39 – nº peça 114.03.691 – Digitado (apontado em vermelho). Foto do autor.....	64
Figura 40 – nº peça 114.01.067 – Ungulado na superfície externa (grifo em vermelho). Foto do autor.	64
Figura 41 – peça nº114.01.004 – fuligem parte externa (indicação em vermelho). Foto do autor.....	66
Figura 42 – nº peça 114.02.516 – Fuligem interna em uma superfície alisada (indicação em vermelho). Foto do autor.	66
Figuras 43 e 44 – peça nº114.03.785 – desgaste interno do orifício de suspensão (indicação em vermelho). Foto do autor.	67
Figuras 45 - peças remontadas do acervo do sítio PSG-06 Valverde. Fotos do autor.	68
Figuras 46 – peças remontadas do acervo do sítio PSG-06 Valverde. Fotos do autor.	68

Lista de gráficos:

Gráfico 01 – Classes de fragmentos por quantidade.....	39
Gráfico 02 – Espessura dos fragmentos por quantidade.	39
Gráfico 03 – Diâmetro da borda (cm).....	40
Gráfico 04 – Forma da borda por quantidade.....	41
Gráfico 05 – Forma do vaso por quantidade.	42
Gráfico 06 – Forma do lábio.....	45
Gráfico 07 – Espessura dos lábios por quantidade (mm).....	45
Gráfico 08 – Tipos de antiplástico.....	46
Gráfico 09 – Frequência do antiplástico.....	47
Gráfico 10 – Tamanho do antiplástico.	49
Gráfico 11 – Frequência do tipo de queima.	52
Gráfico 12- Frequência de tratamento de superfície interna.	54
Gráfico 13 – Frequência do tratamento da superfície externa.	57
Gráfico 14 – Frequência do instrumento utilizado.	58
Gráfico 15 – Frequência da decoração plástica interna.	61
Gráfico 16 – Frequência da decoração plástica externa.	63
Gráfico 17 – Frequência das marcas de uso, fuligem externa e interna.	65
Gráfico 18 – Frequência de fragmentos cerâmicos na quadra 1000N/1000L.....	76
Gráfico 19 – Frequência de fragmentos cerâmicos na quadrícula 1001N/1000L.	76
Gráfico 20 – Frequência de artefatos cerâmicos na quadrícula 1002N/1000L.	76

Sumário:

Introdução	10
CAPÍTULO 1 – Caracterizando “Cerritos”	12
1.1-O que são cerritos?	12
1.2-Quem eram e como viviam os povos dos cerritos?	14
1.3- Uma rápida contextualização acerca do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas).....	17
1.4-A Tradição Vieira	19
CAPÍTULO 2 – Projeto e delimitação da área pesquisada	26
2.1- O projeto: “Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim.”	26
2.2 – Delimitação da área de pesquisa (Pontal da Barra-Laranjal)	28
2.2.1- Características do cerrito PSG-06 Valverde	30
2.2.2 – Escavação do cerrito PSG-06 (metodologia empregada)	31
CAPÍTULO 3 – Analisando a coleção	37
3.1- A Análise do material	37
3.2- Número de fragmentos por classe:	38
3.2.1 – Espessura dos fragmentos:	39
3.3-Bordas	39
3.3.1- Diâmetro das bordas (cm):	40
3.3.2- Forma das bordas:	40
3.3.3 – Forma do vaso:	41
3.3.4- Forma do lábio:	45
3.3.5- Espessura do lábio:	45
3.3.6- Decoração do lábio:	46
3.4- Antiplástico	46
3.4.1 – Antiplásticos encontrados:	46
3.4.2 – Frequência dos antiplásticos:.....	46

3.4.3 – Tamanho dos antiplásticos:	49
3.5 – Técnica de manufatura:.....	51
3.6- Queima:	51
3.7 – Tratamento da superfície:	52
3.7.1- Interna:	53
3.7.2 – Externa:	56
3.8- Instrumento utilizado na confecção da peça:.....	57
3.9 – Decoração plástica:	59
3.9.1 – Interna:	60
3.9.2 – Externa:	63
3.10- Marcas de uso:.....	64
3.11 – Potencial de remontagem das peças:	67
CAPÍTULO 4 – Discutindo a cerâmica dos cerritos	69
4.1- A variabilidade artefactual do cerrito PSG-06 Valverde	71
Conclusão	78
Referências bibliográficas	79
ANEXOS.....	83

Introdução

Os cerritos são tratados na bibliografia especializada como construções feitas pelos povos Charrua, os quais seriam, segundo Serrano (1946), “tribos marginais” da América do Sul, portanto, na perspectiva do autor, menos evoluídas culturalmente. Tal interpretação provém de uma perspectiva ecológico-evolucionista concretizada na obra de Steward (1946). No Estudo de Serrano, o autor realizou uma correlação etnográfica direta entre as populações Charrua historicamente conhecidas, relatadas pelos viajantes e cronistas, desde o século XVI, com a cultura material coletada em sítios arqueológicos da região pampeana. Essa correlação entre cultura indígena e cultura material deu margem aos arqueólogos interpretarem os “cerritos de índios” como resultado das áreas habitacionais e acampamentos da macro-etnia Charrua. Entre os materiais utilizados como fonte de informação de Serrano, a cerâmica teve destaque, sendo caracterizada, de um ponto de vista tecnológico, como uma indústria simples, com pouca sofisticação técnica e decorativa. A leitura de uma indústria cerâmica simples, representativa de uma “tribo marginal”, também foi realizada anos mais tarde por Schmitz (1976), quando este propõe um modelo de mobilidade e subsistência dos grupos construtores de cerritos da laguna dos Patos, considerando a cerâmica desses grupos como “primitivas” e “toscas”, leitura esta que permitiu a criação da “Tradição Vieira” (SCHMITZ, 1976).

Discutir a lógica da simplicidade e homogeneidade estilística, evidentes nas obras dos autores supra-citados, é um dos principais objetivos de nosso trabalho. Buscaremos em nossa pesquisa descrever o perfil tecnológico da indústria cerâmica do sítio PSG-06-Valverde. A partir desse perfil tecnológico, tentaremos problematizar o estereótipo de cerâmica “tosca” e “primitiva”, demonstrando que a aparente homogeneidade estilística é resultante de leituras superficiais das indústrias cerâmicas de vários sítios arqueológicos. Porém, em um olhar mais focado e embasado em uma perspectiva processual de cadeias operatórias, percebe-se que há uma variabilidade artefactual estilística mais complexa que a apontada pela literatura especializada.

O cerrito PSG-06-Valverde está localizado no Pontal da Barra, Praia do Laranjal - Pelotas/RS, área que vem sendo estudada desde o ano de 2006 pela equipe do LEPAARQ-UFPEL (Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas). O presente estudo enquadra-se no projeto “Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim”, sob coordenação do Prof. Dr.

Rafael Guedes Milheira. O cerrito PSG-06 Valverde é um dos 18 cerritos que compõem o complexo arqueológico do Pontal da Barra, tendo sido escavado em duas campanhas arqueológicas, nos anos de 2012 e 2013. A coleção arqueológica do cerrito PSG-06 compõe materiais líticos, arqueofaunísticos, sedimentos, ossos humanos e um conjunto de 771 fragmentos de vasilhas cerâmicas, objeto principal de nossa pesquisa.

No presente trabalho, o primeiro capítulo tem como propósito caracterizar o que são cerritos a partir da literatura especializada. Também será feita neste mesmo capítulo, uma discussão de quem seriam os grupos que construíram e que viveram nos cerritos, além do apontamento dos aspectos que compõe a Tradição Vieira que é o ponto-chave para nossa discussão.

O capítulo segundo apresentará as perspectivas do projeto no qual este trabalho está inserido e a área pesquisada, bem como as características do cerrito PSG-06 e a metodologia empregada na escavação arqueológica, na curadoria e na análise do material em laboratório.

O terceiro capítulo trará os resultados obtidos em todo processo de análise do material cerâmico do sítio PSG-06, que se deu em um espaço de tempo de oito meses. Além de discutidos ao longo do capítulo, estes resultados serão ilustrados com fotos, tabelas e desenhos, buscando-se caracterizar traços da cadeia operatória da indústria cerâmica e demonstrando-se a variabilidade artefactual existente.

O quarto e último capítulo buscará problematizar a lógica da simplicidade e homogeneidade estilística da cerâmica dos cerritos, conhecida na literatura especializada como cerâmica Vieira, abordando-se sobre os conceitos de homogeneidade e heterogeneidade, logo a variabilidade artefactual existente do sítio analisado. A partir disso, discutiremos o que pode significar essa variabilidade.

CAPÍTULO 1 – Caracterizando “Cerritos”

1.1-O que são cerritos?

Cerritos são sítios arqueológicos que possuem traços estruturais bem marcantes e característicos se comparados com espaços construídos por outros grupos indígenas. Caracterizam-se como montículos de terra construídos antropicamente, desde, pelo menos, 4500 anos A.P até aproximadamente 200 anos A.P, já em período colonial (GIANOTTI y LÓPEZ MAZZ, 2009). Assim, Schmitz, Naue e Becker descrevem esses montículos,

Os cerritos são pequenas elevações no terreno, com forma aproximadamente circular, oval ou elíptica, compostos principalmente de terra, ou com grande quantidade de restos de alimentos humanos, quem podem chegar até 100m de diâmetro e 7m de altura (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 2006, p. 103).

Trata-se de estruturas monticulares resultantes de diversas ocupações ao longo de centenas de anos e que marcam eventos construtivos de caráter doméstico, funerário e cosmológico. Além de sepultamentos humanos, são encontrados restos de alimentação, artefatos líticos, artefatos cerâmicos, vestígios de fogueiras, etc., materiais esses que permitem aos arqueólogos compreenderem aspectos da vida dos grupos construtores de cerritos (GIANOTTI y LÓPEZ MAZZ, 2009).

Com relação à sua distribuição, os cerritos normalmente são encontrados em terrenos alagadiços (banhados), em áreas próximas a lagunas, lagos e rios, podendo estar sozinhas ou em grupos. Dessa forma, Gianotti e López Mazz destacam,

El patrón de distribución y emplezamiento en el territorio sigue dos pautas básicas: una se corresponde com cerritos aislados o conjuntos pequeños (de 2 o 3) generalmente situados em puntos altos, y por outro lado, conjuntos mayores que llegan em algunos casos a tener 100 montículos, y que suelen estar asociados a planícies de inundación fluvial o bordes de bañados permanentes (GIANOTTI y LÓPEZ MAZZ, 2009, p.155).

Entre os materiais arqueológicos orgânicos encontrados nos cerritos, os que melhor se conservam são os restos alimentares de origem animal, onde predominam ossos de peixe, conchas de moluscos e ossos de aves e mamíferos. Os restos de alimentos vegetais que se conservam são aqueles que estão calcinados e carbonizados, sendo bastante frequente a presença do *butia capitata*. Porém, através de estudos arqueobotânicos, alguns restos micro-botânicos veem sendo identificados, como o milho, batata doce e feijão, sugerindo que, além da caça e pesca, os grupos construtores de cerritos realizaram práticas hortícolas incipientes (LÓPEZ MAZZ e BRACCO, 2010).

Os cerritos são originalmente resultado de grupos caçadores-coletores de ampla mobilidade regional e de grande aproveitamento dos recursos naturais ao seu entorno que começaram a se instalar nas terras baixas do sul do continente americano, a partir do final do período arcaico (LÓPEZ MAZZ e GIANOTTI, 1998). Porém, algumas décadas atrás, os cerritos foram interpretados apenas como plataformas domésticas adaptadas e improvisadas em terrenos alagados, assentamento de pequenas sociedades caçadoras que eram sustentadas por uma economia voltada a recursos do tipo lacustre. Dessa forma, segundo a esses estudos, a economia, o ambiente e a organização do espaço seriam do tipo “marginal” (SCHMITZ, 1976). Baseado em um determinismo geográfico, as terras baixas do sul estariam situadas em uma zona marginal, onde existiriam poucos recursos naturais, ocasionando assim em um baixo “desenvolvimento” das populações que aqui viviam. Entretanto, a despeito dessas interpretações sobre baixa complexidade cultural, concretizadas na obra de Steward (1946), as investigações mais atuais sobre a Arqueologia dos cerritos vem produzindo novas informações e trazendo interpretações que desestigmatizam essa visão. Hoje a palavra cerrito possui uma conotação bastante ampla e agrupa produto de diferentes atividades (funerária, ritualística, doméstica e organizacional). Assim, Mazz e Gianotti afirmam,

(...) este tipo de arquitectura monumental em tierra, son interpretadas aquí como indicadores de energia de formas regionales de organización social, con intesificación ceremonial y crescientes formas de ordenamiento territorial (LÓPEZ MAZZ e GIANOTTI, 1998, p.88).

Assim, partindo dessa ótica, os cerritos deixaram de ser vistos pelos arqueólogos apenas como locais de assentamentos de “tribos marginais” e passaram a ser pensados como estruturas monticulares que compõem uma engenharia de terra, relativa à modificação do terreno. São estruturas de terra utilizadas como áreas habitacionais, para depósito de refugos domésticos, áreas de acampamentos, áreas que circundam territórios, áreas de plantio e, de maneira significativa, estruturas compostas para o sepultamento dos mortos. Nesse sentido, os cerritos deixaram de ser interpretados apenas pelos seus aspectos funcionais e passaram a ser vistos como estruturas que remetem à cosmologia, refletida e simbolizada em uma paisagem funerária de ampla escala geográfica e de longa duração temporal (LOPEZ MAZZ E BRACCO, 2010; CABRERA PÉREZ, 2013).

1.2-Quem eram e como viviam os povos dos cerritos?

Charruas e Minuanos são os prováveis construtores dos cerritos situados nas regiões do sudeste e sudoeste do Rio Grande do Sul, também estendido para o pampa do Uruguai e Argentina (BECKER, 2006). É importante destacar que essa correlação etnográfica entre os grupos Charrua e Minuano deve ser vista com cautela, uma vez que os cerritos são um fenômeno arqueológico com aproximadamente 4500 anos, ao passo que os grupos Charrua e Minuano são populações historicamente conhecidas e relatadas a partir do século XVI. Nesse sentido, não há como fazer uma analogia direta tão segura e essa discussão foi apontada recentemente por Lopez Mazz e Bracco (2010), cuja discussão levantada pelos autores traz duas questões importantes: seriam os Charrua e Minuano os construtores dos cerritos? E, seriam os Charrua e Minuano grupos de uma mesma etnia?

Apesar de pertencerem ao mesmo tronco linguístico, foram dois grupos distintos desde o ponto de vista físico, social e cultural. Caçadores, pescadores e coletores, os Charrua e Minuano ocupavam a banda oriental do Uruguai. No Rio Grande do Sul eles se situavam nos campos sudoeste e sudeste até os rios Ibicuí e Camaquã. Os Charruas distribuíam-se mais para oeste, às margens do Rio Uruguai. Já os Minuanos para leste, distribuídos em torno das lagoas dos Patos, Mirim e Mangueira (BECKER, 2006). Porém, embora distintos e, até mesmo, tradicionalmente inimigos, conforme Lopez Mazz e Bracco (2010), os grupos Charrua e Minuano compartilhavam de

comportamentos culturais que foram relatados pelos cronistas e viajantes. A observação generalista sobre esses comportamentos compartilhados, que envolve aspectos da cultura material, língua, hábitos de caça-pesca, guerra, economia e organização social, resultou na conformação da macro-etnia Charrua-Minuano, elementos esses que serão aqui descritos sumariamente.

Os instrumentos utilizados na caça por esses grupos Charrua e Minuano, com a presença da influência europeia, começaram a ser construídos com matérias-primas distintas e para diferentes fins, como descreve Becker (2006):

O instrumental de uso diário, quer de atividade doméstica, como da caça e guerra, evoluiu da mesma forma. Transformam-se as pontas de flecha inicialmente feitas de madeira, osso e pedra em pontas de ferro ou aço, agora ao seu alcance. As bolas de boleadeira, antes usadas na caça ao avestruz de modo especial, mantêm-se para a apreensão do gado; com muitas formas elas são usadas na guerra no decorrer dos séculos. A esse instrumental de guerra se faz necessário agregar o uso da lança e outros tipos chegados com a colonização (BECKER, 2006, p.141).

Com relação às vestimentas os dois grupos não se diferenciavam muito. As roupas feitas de couro animal com revestimento de gordura de peixe se resumiam em saias para as mulheres e capas para homens. A partir do contato com os colonizadores, esse couro foi aos poucos sendo trocado pelo bovino, curtido pela própria gordura. Nos dias de mais frio começaram a usar um tipo de capote feito com o pelo dos animais e caipí, que mais tarde teria resultado no cheripá do gaúcho, estes mais usados pelos Minuano (BECKER, 2006).

A organização social desses povos tinha por base a família e se manteve até seu extermínio. Nos dois grupos a família era nuclear de linha paterna que absorvia os homens já maduros, que não ficavam solteiros. Já as mulheres casavam-se cedo, mais ou menos na adolescência, podendo ser mais jovens entre os minuanos.

Sobre as moradias, Becker destaca,

(...) as famílias moravam em choças, "toldos" construídas pelas mulheres sobre quem recaiam todos os encargos domésticos. De início as casas eram simples esteiras de junco suficientes como abrigo e proteção contra grupos hostis. Caracterizavam grupos

caçadores em movimentações estacionais que com o correr do tempo se deslocam por exigências guerreiras (BECKER, 2006, p.139).

De simples para-ventos, com o passar do tempo, as choças foram se transformando em choupanas cobertas por couro e fixadas por 4 estacas. As choças sempre foram locais de pequenas dimensões, que limitava a família com número não superior a dez integrantes. A maior parte do tempo as pessoas ficavam fora da habitação, seu uso restringia-se apenas para o descanso e abrigo dos rigores do clima pampeano, isso em meados do XVII e XVIII, no qual permaneceram assim até as últimas gerações. A organização política nas aldeias se dava através de chefes de família, que constituíam um tipo de Conselho da Aldeia. Mais adiante começam a aparecer caciques, assim formando a política da aldeia em um cacicado. O cargo de cacique embora que não fosse hereditário, com o passar do tempo adquiriu essa característica (BECKER, 2006).

Com a frente colonizadora europeia se expandindo e tomando suas terras, os Charrua e Minuano fizeram vários deslocamentos durante anos, sendo forçados a viver de maneira marginal nas fazendas de gado (BECKER, 2006). Assim, surge a figura de um homem hábil para a lida campeira, possuidor de um vasto conhecimento espacial e paisagístico que, mais tarde, com a miscigenação entre negros, índios e ibéricos resultaria no gaúcho. Muito do *ethos* sul-rio-grandense que exalta a liberdade de ir e vir dentro do pampa pode ser reconhecido na relação com o gado e com o cavalo que os Charrua e Minuano possuíam (GARCIA e MILDNER, 2012).

Segundo Becker (2006), devido ao temperamento forte esses povos não se submeteram facilmente ao sistema colonial. Desse modo,

A cultura dos Charrua e Minuano, tomada como um todo, sofreu as transformações decorrentes do contato em muitos aspectos; não perdeu, entretanto, a índole de invencibilidade, conservando o caráter arredo à submissão total, o que lhes valeu o extermínio como grupo já em meados do século passado (BECKER, 2006, p. 138).

No início do século XIX os colonizadores europeus, portugueses e espanhóis, já tinham expandido sua pecuária por todo território indígena no pampa gaúcho e uruguaio. Juntamente com a expansão da pecuária, surgiram por todos os lados novas

idades, tornando cada vez mais reduzido o espaço para esses grupos viverem (BECKER, 2006).

Entre os anos de 1831 e 1832, liderada pelo primeiro presidente uruguaio Fructuoso Rivera, ocorreu a batalha de Salsipuedes e Matajos. A premissa dessa ação do governo era de acabar com a “barbárie indígena” e tornar o país branco, exterminando qualquer influência não europeia. Resultado disso foi o genocídio quase que total da etnia charrua no território uruguaio (FAVRE, 1994 *apud* GARCIA e MILDER, 2012).

1.3- Uma rápida contextualização acerca do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas)

É importante fazer uma contextualização do PRONAPA, uma vez que um dos principais modelos de ocupação já confeccionados sobre os cerritos, a tese de Livre-docência de Schmitz, publicada no ano de 1976, teve uma forte influência desse Programa.

No ano de 1962, o CEPA/PR (Centro de Ensino e Pesquisa em Arqueologia da Universidade Federal do Paraná) coordenado por José Loureiro Fernandes, promove a vinda de Annette Laming-Emperaire para um curso de curta duração sobre métodos de campo e laboratório para estudos voltados aos sambaquis. Dois anos mais tarde, outro curso foi oferecido com a presença dos professores Betty Meggers e Clifford Evans, que tinha como objetivo a análise de cerâmicas e a elaboração de cronologias relativas (DIAS, 1995).

Por já terem trabalhado em território brasileiro anteriormente, o casal Meggers e Evans receberam do instituto no qual trabalhavam nos Estados Unidos, o *Smithsonian Institute of Washington*, verbas para um projeto no qual abrangeriam a exploração sistemática da costa brasileira, idealizada para criar um esquema espaço-temporal, utilizando os métodos discutidos no seminário ministrado por eles no CEPA/PR (DIAS, 1995). Assim, no ano de 1965 foi dado o pontapé inicial para a execução do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas).

A autora Adriana Dias com relação à proposta do PRONAPA, comenta que:

O modelo proposto por Meggers e Evans consistia em um desdobramento para o território brasileiro de suas pesquisas quanto às rotas de migração e difusão cultural nas terras baixas da América do Sul. Segundo os autores, o Brasil apresentava grandes possibilidades de complementação à pesquisa que ambos vinham desenvolvendo naquela instituição, pois suas fronteiras políticas eram formadas por três maiores sistemas hidrográficos das terras baixas, o Amazonas, o Orenoco e o Paraná. Sua linha de trabalho baseava-se no pressuposto de que as populações pré-históricas moviam-se principalmente ao longo dos rios (DIAS, 1995, p. 29).

O PRONAPA caracterizou-se pela padronização de trabalhos de campo voltados à coleta de amostragens regionais, com o intuito de traçar padrões cronológicos a partir de seriações. Desse modo, sequência de séries para uma mesma região seriam agrupadas em fases, e estas que, conseqüentemente, formariam tradições. Segundo o PRONAPA, fases e tradições marcariam os ritmos da distribuição espaço-temporal dos grupos humanos pré-históricos que por ventura viessem a ser identificados a partir das atividades do programa (DIAS, 1995).

Com relação às metodologias e terminologias de Tradições e Fases do PRONAPA, Schmitz, Naue e Becker descrevem:

Fases denominam conjuntos de materiais com características semelhantes (cerâmica, artefatos de pedra ou osso, gravações ou pinturas em rochas) e que mantêm as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um espaço e tempo reduzidos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma tribo indígena. Tradições são conjuntos maiores de materiais com características semelhantes, reunindo em geral diversas fases e que mantêm as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um tempo (e espaço) mais amplos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma nação indígena. O nome da primeira fase determinada para um certo material costuma dar o nome à tradição (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 2006, p. 69).

A estrutura do PRONAPA deu-se a partir de uma série de projetos independentes, mas interligado através de uma padronização das unidades de campo e laboratório. Inicialmente o programa foi previsto para três anos de duração, de 1965

até 68, mas devido ao grande número de sítios encontrados estendeu-se até o ano de 1970. A escolha dos estados da federação onde as pesquisas foram feitas deu-se por conta da origem dos pesquisadores que foram convidados a fazer parte do projeto inicial, que compreendeu nove estados. Dentre eles estavam: Rio Grande do Sul (Eurico Miller); Santa Catarina (Walter Piazza); Paraná (José Wilson Rauth e Igor Chmyz); São Paulo (Adolfo Altenfelder Silva); Rio de Janeiro (Ondemar Dias); Bahia (Valentin Calderón). Nos anos posteriores no estado de São Paulo a arqueóloga Sílvia Maranca substituiu Altenfelder, e foram acrescentados José J. Proenza Brochado no Rio Grande do Sul e Celso Perota no Espírito Santo (DIAS, 1995).

Embora muito se critique a forma com que o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas interpretava os sítios, a implementação desse programa que levantou e escavou mais de 1500 sítios representou um salto grandioso para a arqueologia brasileira, visto que até então toda a complexidade cultural pré-colonial em nosso país era praticamente desconhecida. Além disso, o PRONAPA foi o principal incentivador para a criação de vários novos centros de pesquisas em arqueologia no Brasil, e assim, um maior número de pesquisadores (DIAS, 1995).

1.4-A Tradição Vieira

A cerâmica que esses povos Charrua produziam, inicialmente foi tratada por Serrano (1946) como “mal cozidas” e bastante simples do ponto de vista tecnológico¹. A cerâmica, segundo Serrano (1946):

(...) é conhecida através de achados arqueológicos em sítios com a típica cultura Charrua. A documentação referente às cerâmicas está em Vilardebó (Gómez Haedo, 1937) que diz “seus utensílios são vasos de argila negra que são secos ao sol até seu endurecimento. Esses vasos eles cozinhavam carne de *rhea*”. Materiais arqueológicos mostram que a cerâmica nos sítios desta típica cultura são caracteristicamente sub-globulares e nunca têm alças. Esses vasos são geralmente polidos ou decorativos com

¹ Ver fotos do autor em anexo 5.

linhas incisas ou zigue-zagues (...) (SERRANO, 1946, p.143)
(tradução do autor).²

O autor claramente trata de uma descrição bastante ampla da cerâmica das culturas Charrua, culturas essas que foram correlacionadas com os cerritos da região pampeana. Apresenta uma síntese de uma indústria cerâmica simples do ponto de vista tecnológico, porém, aponta alguns tipos decorativos plásticos (zigue-zagues e incisões) que, mais tarde, foram definidos pelos arqueólogos como decorações cerâmicas de uma tradição arqueológica conhecida como “*Ribereños-plásticos*”, mais comumente estudada pela Arqueologia uruguaia e argentina (BONOMO, POLITIS e GIANOTTI, 2011).

Em 1966, Schmitz e Brochado realizaram as pesquisas de maior fôlego em cerritos no Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente no município de Rio Grande. Nessa ocasião, foi encontrada, nos sítios arqueológicos, uma grande quantidade de material cerâmico. Por se tratar de um material cerâmico diferente de todos os outros produzidos pelos grupos indígenas encontrados no Rio Grande do Sul os autores supra-citados os denominaram de Tradição Ceramista Vieira, associando, a partir de então, com os cerritos (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 2006). Esse nome foi dado pelo fato de que as primeiras estruturas em terra encontradas foram na localidade Vieira, nome emprestado de um pequeno arroio localizado no município de Rio Grande.

A “tradição cerâmica Vieira”, segundo Schmitz (1976), se caracteriza tecnologicamente como uma indústria ceramista bastante “simples” e homogênea estilisticamente. Além disso, possui dois momentos distintos de tecnologia de confecção que, segundo o autor, poderiam ser evidenciados cronologicamente.

A síntese descritiva da tradição Vieira foi reproduzida por diferentes autores, entre eles, Mentz Ribeiro (1977). Em seu trabalho intitulado “Manual de Introdução à Arqueologia”, o autor buscou publicar uma série de conceitos usualmente utilizados pelos arqueólogos. Com o intuito de exemplificar como são aplicadas as técnicas e métodos por ele mencionados no manual, Mentz Ribeiro explana sobre os diversos

² “is known through archeological finds in sites with a typical *Charrua* Culture. The documentary reference to ceramics is in Vilardebó (Gómez Haedo, 1937) who says, “Their utensils are vases oh black clay which they dry in the sun until they are hard. In these vases they cook rhea flesh.” Archeological materials show that the pottery in sites of the typical culture are characteristically subglobular and never had handles (pl. 42, a, b). The vessels are generally polished or decorative with incised lines or zigzags (...).”

tipos de ocupações, os sítios e também a cultura material encontrada no Rio Grande do Sul.

Sobre a cerâmica da Tradição Vieira, Mentz Ribeiro destaca:

Técnica de confecção: roletado. A forma dos vasos apresenta como meia esfera ou meia calota, a grande maioria. A decoração, quando existe, é digitada, escovada, roletada e, em período mais recente, ponteadado, impresso e, finalmente, o contato com o Tupiguarani. A simples é mais antiga. A areia que utilizavam para o tempero ou antiplástico, é bem grossa, parecendo um pé-de-moleque (MENTZ RIBEIRO, 1977, p. 42).

Segundo o autor, as formas mais frequentes para a utilização dessa cerâmica era para o cozimento de alimentos, transporte de água (cerâmica que apresenta perfurações circulares próximas aos lábios, conhecidas como furo de suspensão), armazenagem de diversos tipos de grãos, frutos, raízes, etc. Quanto à datação, Mentz Ribeiro afirma que a cerâmica dos cerritos é a cerâmica conhecida mais antiga do sul do Brasil, podendo atingir 2.000 anos A.P. Já para um período pré-cerâmico, os sítios podem alcançar datações que remontam até 4.000 anos A.P (MENTZ RIBEIRO, 1977).

A simplicidade da cerâmica também foi tema na síntese proposta por Bracco, Puerto e Inda (2008), embora os autores duvidem do papel diagnóstico da cerâmica como indicador étnico:

La cerámica muy simple, excepcionalmente decorada com motivos sencillos punteados e incisos, presente dos tipos dominantes de antiplástico. El primero corresponde a arenas finas y medias, correlacionándose con tiestos de color oscuro, reducidos, de fino espesor y bajo grado de alisado. El segundo corresponde a arena cuarzosa o cuarzo triturado, alcanzando los granos tamaños groseros de más de 3 mm. Estos tiestos son frecuentemente rojizos en sus sectores externos, con un núcleo negro o grisáceo, alisado, falso engobe o engobe como tratamiento de superficie. Responden los tiestos de antiplástico “grueso” como “fino” a formas simples: globulares, de paredes rectas verticales o escudillas lannas. En líneas generales esta descripción concuerda con la “cerámica de la Tradición Vieira” (...). No podemos dejar de señalar su dudoso valor diagnóstico como indicador étnico, ya que estas características que han sido tomadas como definitorias de la tradición, están sujetas más

fuertemente a opciones tecnológicas que estilísticas (...) (BRACCO, PUERTO e INDA, 2008, p. 21).

A partir da denominação de Tradição, foi criado dentro desse grupo ceramista, três sub-grupos: Fase Lagoa (não ceramista), Fase Torotama e Fase Vieira. A Fase Torotama seria o segundo nível dos sítios que já apresentava a produção de cerâmica, uma mais “simples”, chamada também de cerâmica “primitiva”; a Fase mais recente, a Vieira, estima-se que se estendeu até mais ou menos o século XVIII, e é a Fase em que “a cerâmica já é bem elaborada” (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 2006 p. 108).

Com base no trabalho de Schmitz de (1976), a seguir veremos a descrição das duas Fases: Torotama e Vieira.

✓ Características da cerâmica da Fase Torotama:

Nessa fase, a cerâmica é de manufatura acordelada e modelada, em que a maior parte dos fragmentos encontrados é irregular, o que parece ter sido produzido por indivíduos com pouca experiência. O antiplástico apresenta-se em grãos arredondados bastante uniformes. Encontra-se quartzo, hematita, feldspato, mica e concreções com coloração de ferrugem. A sua textura é compacta e uniforme e a cor do núcleo varia do negro ao cinza, podendo variar também do amarelo ao esbranquiçado.

A queima é oxidante irregular, apresentando manchas de cocção. Geralmente a superfície externa é melhor oxidada. Na maior parte dos fragmentos encontrados, a cor das superfícies é igual em ambos os lados. Quando diferente, a parede externa é mais clara que a interna. As cores que predominam são: amarelada, cinza e marrom claro, esbranquiçado. O tratamento da superfície interna é irregularmente alisada, aparecendo estrias e depressões resultantes da produção por modelagem e um alisamento que parece ser feito com palha. Já no tratamento das superfícies externas podem ser encontrados: alisado, digitado, roletado, pontado, ungulado, escovado, impressão de cestaria, engobado e ainda, podendo aparecer impressões de esteiras, estes que são raros os casos.

Na fase Torotama a cerâmica pode apresentar na sua feitura uma pasta de areia fina ou de areião, sendo a segunda, áspera ao tato. Quanto às formas dos vasilhames encontrados, os mesmos são geralmente simples, sendo abertas e fechadas e seu

contorno simples com ocorrência de vasilhas com contorno infletido. Predomina os vasos abertos, onde os diâmetros mais frequentes para estes são entre 6 a 22cm. Os lábios são arredondados, aplanados e apontados, tendo a sua espessura entre 5 a 15mm (SCHMITZ, 1976).

✓ Características da cerâmica da Fase Vieira:

Na Fase Vieira predomina a manufatura acordelada onde ficam visíveis os negativos e positivos dos roletes. O antiplástico é muito denso, aparecendo grãos pequenos arredondados de hematita, escassos feldspatos, concreções ferruginosas e pequenas ágatas. A textura é compacta e uniforme, geralmente acompanhando os roletes. O cozimento é oxidante regular com manchas de cocção e a cor do núcleo varia entre o negro, cinza claro e escuro e marrom. As cores das superfícies nessa fase apresentam geralmente a parte interna mais clara que a externa e a cor costuma variar do negro, cinza claro, cinza escuro, marrom claro e amarelado.

O tratamento da superfície interna é geralmente bem alisado, já na externa encontram-se as mesmas formas da Fase Torotama, que são: alisado, digitado, roletado, ponteadado, ungulado, escovado, impressão de cestaria, engobado e impressões de esteiras. Assim como a Fase mais antiga, a pasta com que a cerâmica é construída pode ser constituída de areia fina ou areião. Além das formas abertas e fechadas dos vasos encontrados na Fase anterior, na Fase Vieira encontra-se artefatos com forma paralela que aparecem em grande número, e seus contornos continuam sendo simples e infletidos. O diâmetro das peças variam entre 18 e 22cm, podendo aparecer maiores. Já os lábios são mais frequentes os arredondados e aplanados. Com relação à espessura, os números variam de 4 a 12,5 mm (SCHMITZ, 1976).

A partir do levantamento de dados das diferentes fases, Schmitz (1976) conclui os seguintes elementos indicadores,

Procuramos indicar o sentido de algumas dessas mudanças: o aumento do areião permite fazer uma parede mais fina, mais resistente e mais condutora por causa do quartzo, aumentando a eficiência do vasilhame. O aumento da boca dos vasilhames, com a diminuição das formas mais abertas e mais fechadas, dá maior capacidade. Isso parece mostrar um maior domínio na fabricação de cerâmica (SCHMITZ, 1976, p.156).

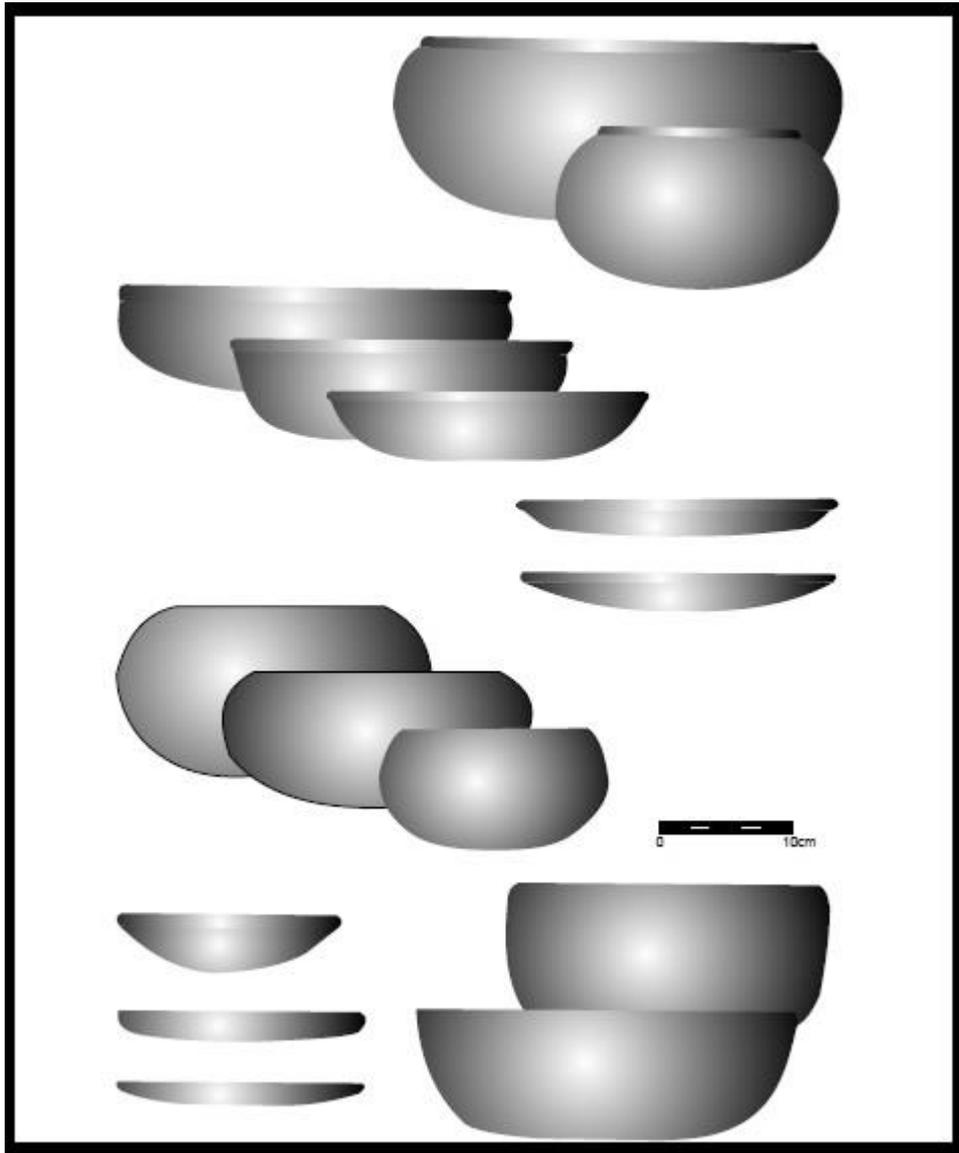


Figura 01 - Desenhos das vasilhas da Tradição Vieira (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 2006).

A cronologia das fases, definida através do método relativo, com base em seriação cerâmica, propõe que a fase Torotama, a mais antiga, seria encontrada em dois sítios do município de Rio Grande (RS-RG-21 e RS-RG-50) e ocorreria entre 2000 anos A.P e 1700 anos A.P. Já a fase Vieira, registrada em diversos sítios (RS-RG-49, RS-RG-20, RS-RG-48, RS-RG-04, RS-RG-08, RS-RG-14, RS-RG-28, RS-RG-10, RS-RG-03) e também a fase mais longa, se situaria em 1335 anos A.P e 200 A.P. (SCHMITZ, 1976).

Segundo Schmitz (1976), a cerâmica dos cerritos foi utilizada para compor um indicador cronológico:

que marcassem com firmeza o desenvolvimento dos sítios da região, mas paralelamente também buscássemos outros indicadores, como de funcionalidade e de aculturação. Para isso nos parecia mais útil o estudo de modos isolados do que de tipos tradicionais fechados; estudamos separadamente as características da pasta, do tratamento da superfície, da forma e outras; para formar tipos tradicionais, basta reunir os modos discretos (SCHMITZ, 1976, p. 110-111).

Com a definição das características da tradição ceramista Vieira, os arqueólogos passaram a tratar os sítios arqueológicos com ocorrência de cerâmicas desse tipo como pertencentes aos grupos Charrua e Minuano, sendo esses sítios com estruturas monticulares ou não. É o caso de sítios “erodidos sobre dunas”, terminologia bastante recorrente na caracterização de sítios arqueológicos da região do litoral sul do Rio Grande do Sul, onde cerâmicas do tipo Vieira são comumente encontradas em superfície (ver, por exemplo: MENTZ RIBEIRO e CALIPPO, 2000). Nesses casos, os sítios são tratados como pertencentes à tradição ceramista Vieira, sendo consideradas áreas que compõem o espaço de abrangência da cultura dos grupos construtores de cerritos. Com essa correlação, claramente os arqueólogos reforçaram e refinaram a analogia direta, primeiramente apontada em Serrano (1946), entre a cultura indígena dos grupos Charrua e Minuano com a cultura material proveniente dos cerritos e sítios arqueológicos, sem montículos, associados a esses.

CAPÍTULO 2 – Projeto e delimitação da área pesquisada

2.1- O projeto: “Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim.”³

A escavação do cerrito PSG-06, no qual todos os materiais aqui analisados são oriundos, fazem parte de um projeto vinculado ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas – LEPAARQ / UFPEL, sob coordenação do Prof. Dr. Rafael Guedes Milheira (UFPEL). Além do cerrito PSG-06, o projeto teve por objetivo em três campanhas nos anos de 2011, 2012 e 2013, a intervenção arqueológica de um conjunto de cerritos localizados no Pontal Barra, que são: PSG-01-Valverde, PSG-02-Valverde, PSG-03-Valverde, PSG-04-Valverde, PSG-06-Valverde e PSG-07-Valverde.

Apoiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o projeto busca, em linhas gerais, realizar um estudo arqueológico sistemático na porção meridional da laguna dos Patos, com ênfase, até o momento, na região do banhado do Pontal da Barra, retomando a arqueologia dos cerritos estagnada no Brasil desde, pelo menos, os anos 1980. Objetiva-se, em grande medida, compreender, através da análise comparativa dos cerritos, o sistema regional de assentamento dos construtores de cerritos através de uma perspectiva de estudo de padrão de assentamento, funcionalidade, tecno-tipologia, territorialidade, subsistência e economia. Com isso, objetiva-se também testar os modelos interpretativos de padrão de assentamento em regiões próximas a fim de perceber continuidades e descontinuidades nas estratégias de escolha e uso do espaço (MILHEIRA, 2013).

Entre os municípios de Pelotas e Capão do Leão, até o momento, foram mapeados 26 cerritos. Um deles, o cerrito PT-02-cerrito da Sotéia, com datações convencionais de 1400 ± 40 A.P. para a base do Cerrito e de 1360 ± 40 A.P. para o topo (LOUREIRO, 2008), pode ser interpretado como um acampamento de pesca lacustre, visto que é abundante a presença de vestígios faunísticos oriundos da laguna dos Patos (ULGUIM, 2010). Porém, este mesmo aterro e suas áreas adjacentes deve ter sido utilizado também como área de descarte de materiais de uma pequena aldeia (LOUREIRO,

³ Os dados arqueográficos referentes aos trabalhos de campo do projeto foram publicados em Milheira (2013) e são utilizados no presente trabalho com a devida autorização do autor.

2008), configurando, portanto, um espaço multifuncional de moradia, pesca e processamento de recursos lacustres (GARCIA e MILHEIRA, 2013).

Outra área onde foram encontrados cerritos na porção meridional da laguna dos Patos é a várzea do canal São Gonçalo, mais especificamente na margem da lagoa do Fragata, localizada entre os municípios de Pelotas e Capão do Leão. Na lagoa do Fragata foram identificados sete cerritos, cujos trabalhos arqueológicos se limitaram apenas ao mapeamento dos sítios e um balanço sobre a sua situação de preservação (MILHEIRA, PEÇANHA e MÜHLEN, 2014).

Na região do banhado do Pontal da Barra houve um investimento maior de pesquisa. Desde o ano de 2006 foram identificados 18 cerritos, entre os quais seis cerritos foram foco de escavações arqueológicas. As datações radiocarbônicas apontam que a ocupação do Pontal da Barra ocorreu desde aproximadamente 2500 anos A.P.(conforme datação do cerrito PSG-07, protocolo LACUFF-13052), até, pelo menos, 1200 anos A.P. (conforme datação do cerrito PSG-02, protocolo UGAM-12062), sugerindo ser uma ocupação indígena bastante antiga e permanente que perdurou por aproximadamente 1300 anos (MILHEIRA, 2013)⁴.

No escopo desse projeto, a presente monografia busca trazer algumas contribuições sobre a tecnologia da cerâmica coletada no cerrito PSG-06, durante a campanha arqueológica do ano de 2012, buscando-se sistematizar o perfil da indústria cerâmica, discutindo com a bibliografia especializada sobre o tema.

⁴ Há de se destacar também que no município de Pelotas foram identificados 22 sítios arqueológicos que se referem às antigas aldeias e acampamentos dos grupos Guarani, localizados na serra dos Tapes e no litoral, às margens da laguna dos Patos. Esses sítios compõem, junto aos cerritos, um complexo arqueológico em ampla escala geográfica que remonta à História indígena de longa duração (MILHEIRA, 2008).

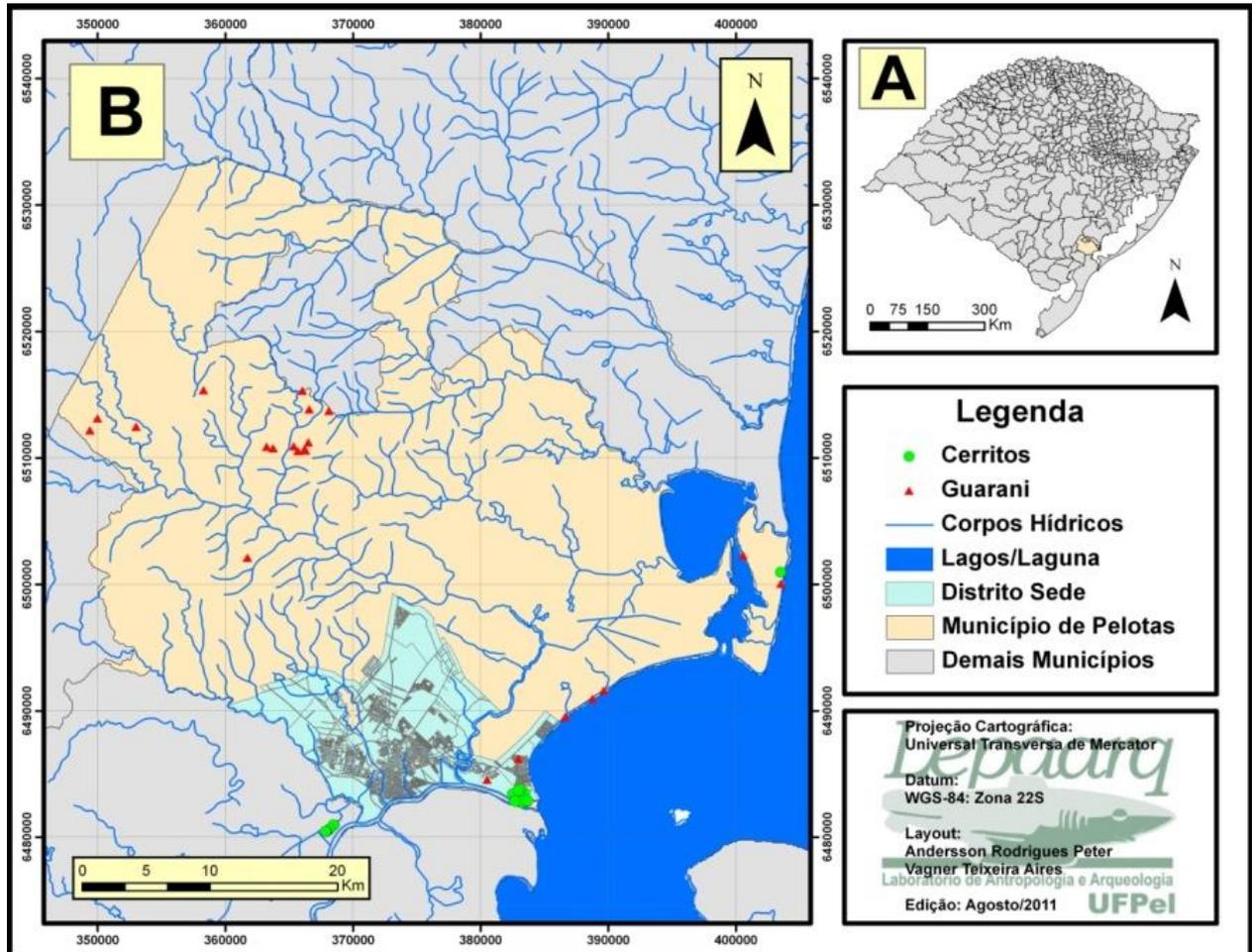


Figura 02- Mapa do município de Pelotas com a localização dos sítios arqueológicos Guarani (pontos em vermelho) e cerritos (pontos em verde). Retirado de Milheira (2013).

2.2 – Delimitação da área de pesquisa (Pontal da Barra-Laranjal)

Situado na praia do Laranjal no município de Pelotas/RS, entre o balneário Valverde e Santo Antônio, o contexto arqueológico composto por cerritos, localizados no Pontal da Barra é objeto de estudo do projeto “Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim”.

Utilizado como moradia, turismo e lazer, o Pontal da Barra é hoje a região do Laranjal com maior concentração demográfica, fator que, tem prejudicado de forma significativa o patrimônio ambiental e cultural da região, com a perda de áreas verdes e deposição de resíduos domésticos (MILHEIRA, 2013).

Sobre o Pontal da Barra, Milheira destaca,

O Pontal da Barra corresponde a uma extensão da praia do Laranjal, localizado no litoral do município de Pelotas-RS, que se configura morfologicamente como uma ponta de areias quartzosas. É onde se situa a desembocadura do canal São Gonçalo, por onde adentram as águas da Laguna dos Patos no período do verão (MILHEIRA, 2013, p.7).

O Pontal da Barra do Laranjal segundo Cruz (2008), é um remanescente de um dos ecossistemas mais importantes da região: o banhado. Além disso, “*o Pontal da Barra guarda em sua biodiversidade espécies animais endêmicas, serve de abrigo e local de reprodução para aves migratórias, e reduz os efeitos da poluição e do assoreamento na Laguna dos Patos e no Canal São Gonçalo*” (CRUZ, 2008, p. 11/14).

A vegetação que cobre a região do Pontal da Barra é a típica encontrada nos banhados, plantas da família das ciperáceas, mais conhecidas como juncais. Também estão presentes no local capões de mata, mas estes já com um grau avançado de degradação, devido à retirada de mudas de plantas nativas para a comercialização. O solo da região de Pelotas/RS e do Pontal da Barra pode ser classificado como Neossolo. Os Neossolos são solos de formações recentes, oriundos a partir de diversos tipos de rochas e são encontrados em diferentes tipos de drenagens e relevos (MILHEIRA, 2013).

A partir dos anos 2000, o Pontal da Barra do Laranjal vem sendo incluído em projetos de melhoramentos nas áreas de infraestrutura e saneamento básico do município, visando aumentar o turismo da região e conseqüentemente estimular o mercado imobiliário. Mas, um fator preocupante de todas essas obras, é que nenhuma em seu princípio teve um acompanhamento arqueológico, o que pode ter causado sérios danos ao patrimônio material e imaterial da região (MILHEIRA et al, 2012).



Figura 03- Vista aérea da várzea do canal São Gonçalo, indicando a localização do Pontal da Barra, à margem da laguna dos Patos. Retirado de Milheira (2013, p. 8).

2.2.1- Características do cerrito PSG-06 Valverde

O cerrito PSG-06 faz parte de um conjunto composto por mais três cerritos associados, que são os PSG-02, PSG-05 e PSG-07. Estes montículos estão alinhados em sentido sudeste-noroeste, localizados entre a zona urbana do bairro Valverde e os banhados que caracterizam o Pontal da Barra. O cerrito PSG-06 está localizado no interior de um capão de mato, onde ali, apresentam-se claros testemunhos impressos na vegetação de alterações na mata, resultado de coleta de lenha, ervas e de terra pela população local. Além disso, é muito comum a presença de gado no interior da mata, o que causa inevitavelmente acúmulo esterco e causa uma maior degradação do montículo (MILHEIRA, 2013).

Dentre todos os cerritos que fazem parte do complexo do Pontal da Barra, o PSG-06 é o montículo que apresenta ter uma volumetria e formato peculiar, parece ser o mais alto em relação aos outros, e, seu topo o mais visível. Além disso, nesse cerrito é possível observar que há indícios de uma plataforma que vai de sul a norte, o que talvez configure um microrrelevo anexo ao cerrito central, sendo, portanto, uma estrutura construída em complementação ao montículo (MILHEIRA, 2013).

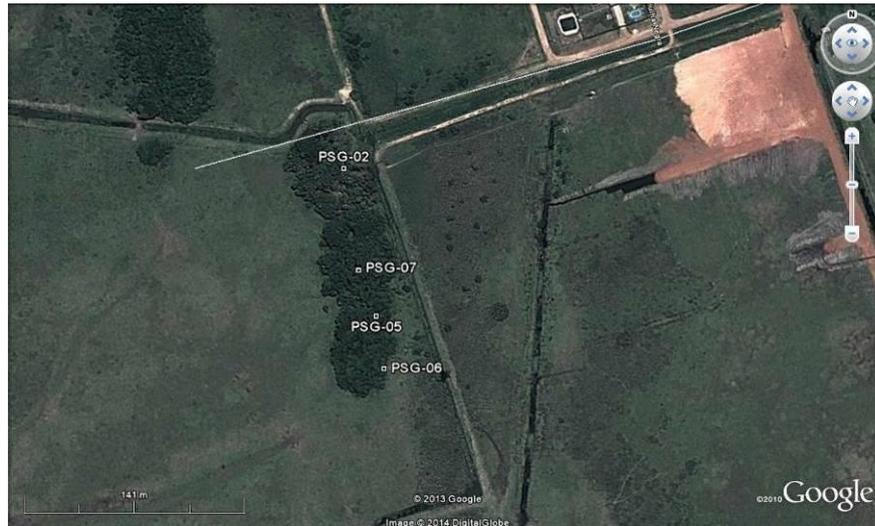


Figura 04 – Imagem de satélite do Pontal da Barra que mostra o conjunto de cerritos associados (PSG-02, PSG-05, PSG-06 e PSG-07) encobertos pelo capão de mato. Retirado de Milheira (2013).



Figura 05 - Observa-se nessa foto a altura do cerrito: mais abrupto e evidente na paisagem. Retirado de Milheira (2013).

2.2.2 – Escavação do cerrito PSG-06 (metodologia empregada)

A intervenção arqueológica do cerrito PSG-06 ocorreu em duas campanhas distintas. A primeira delas, nos anos de 2012, objeto de nosso estudo, focou na porção central do sítio, onde se buscou deixar exposto o perfil do montículo desde o topo até

sua base⁵. Para tal, foram compostas três quadrículas de 1m x 1m cada (1000N/1000L, 1001N/1000L, 1002N/1000L), em um sentido sul-norte, formando assim uma trincheira de extensão total de 3m (MILHEIRA, 2013). As quadrículas foram escavadas em níveis artificiais de 5 cm, e, cada nível possui sua ficha contendo o croqui e as coordenadas x,y e z. Desse modo, todos os materiais cerâmicos, líticos, artefatos arqueofaunísticos e restos humanos encontrados nas três quadras foram plotados em seu respectivo croqui. As raízes mais espessas também foram representadas. Este procedimento foi repetido a cada nível da quadrícula. Além disso, foram feitas coletas de sedimentos de colunas amostrais das quadras. Materiais arqueofaunísticos sem indicações de terem sido usados como instrumentos foram coletados sem controle individual de peças.

Foram feitas 3 coletas para a datação: 3 otólitos de níveis diferentes (quadrícula 1000N/1000L nível 1 e nível 7, quadrícula 1002N/1000L nível 12).

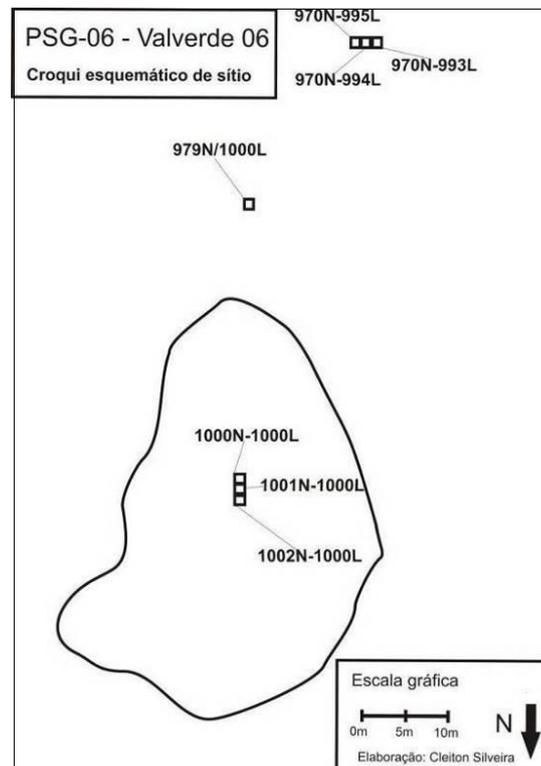


Figura 06 – Neste croqui é possível observar a malha das três quadrículas escavadas no topo do cerrito, na campanha de 2012, e também as demais quadras escavadas no entorno do montículo, ano de 2013. Retirado de Milheira (2013).

As amostras foram enviadas para datação ao LAC-UFF (Laboratório de Radio Carbono da Universidade Federal Fluminense) e os resultados foram os seguintes:

⁵ A segunda campanha ocorrida no ano de 2013 focou nas áreas adjacentes ao cerrito, escavando-se as quadras 970N/995L, 970N/994L, 970N/993L e 979N/1000L. Os materiais coletados nessa segunda campanha não foram considerados nesse momento da pesquisa.

otólito	1002N/1000L	12	55-60 (base)	1652+- 33A.P.	LACUFF- 13054
otólito	1000N/1000L	1	0-5	1480+- 130A.P.	LACUFF- 13053
otólito	1000N/1000L	7	30-35	1548+- 59A.P.	LACUFF- 13055

Figura 07 – quadro de datações do cerrito PSG-06. Retirado de Milheira (2013)



Figura 08 - Foto da malha de quadrículas da área de 1m X 3m, nível 1, sentido sul-norte (quadras: 1000N/1000L, 1001N/1000L, 1002N/1000L). Retirado de Milheira (2013).

A coleção de materiais cerâmicos escavados no cerrito PSG-06, na campanha do anos de 2012, somam um total de 771 fragmentos cerâmicos, 90 artefatos líticos, 11 materiais humanos, 78 materiais arqueofaunísticos plotados e 15,296 kg de arqueofauna não plotada (MILHEIRA, 2013).

Ao final da escavação das três quadrículas até seu nível estéril, foi possível determinar que o montículo tem aproximadamente 100cm de profundidade. Com

orientação do “Manual de Descrição e Coleta de Solo no Campo (2005)” a estratigrafia do cerrito PSG-06 foi definida como:

Horizonte 1 ou Au: alta concentração de matéria orgânica decomposta. Coloração a partir da escala Munsell, dark gray (7YR 4\1, seco). Perceptível pelo tato uma textura arenosa no horizonte. Este é o horizonte onde se encontrou acúmulo de material arqueológico. Horizonte com grande quantidade de raízes e radículas.

Horizonte 2: A transição entre o horizonte 1 e 2 deu-se de forma sinuosa e clara na maior parte do perfil. O horizonte II possui segundo a escala Munsell a coloração Gray (7YR 5\1, seco). Textura arenosa, menor presença de radículas.

Horizonte 3: A transição entre os horizontes II e III deu-se de uma forma sinuosa, porém difusa. Seguindo a escala Munsell a cor do horizonte 3 é a pinkish gray (7YR 7\2, seco). Textura mais siltosa, demonstrada pela sedosidade ao tato em campo. Horizonte no qual já não se encontram mais vestígios arqueológicos (MILHEIRA, 2013, p. 44).



Figuras 09 e 10 - Perfil estratigráfico e coleta de sedimento das colunas amostrais. Retirado de Milheira (2013).

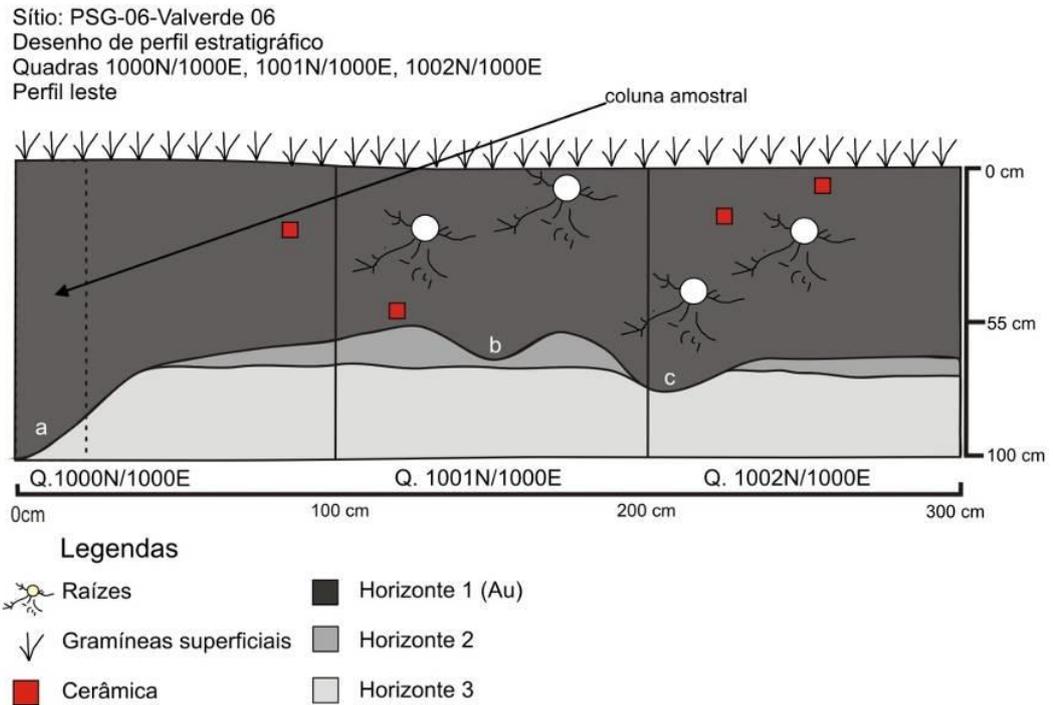


Figura 11 - Desenho de perfil estratigráfico leste do cerrito PSG-06, evidenciando a coluna amostral e as feições a, b, c. Retirado de Milheira (2013).

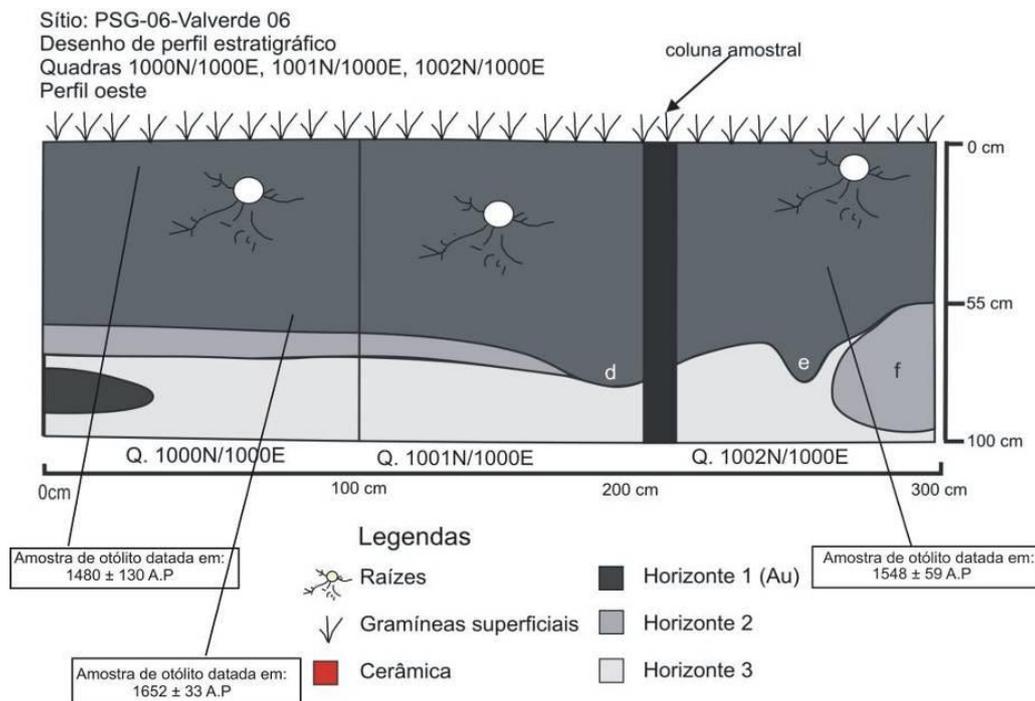


Figura 12 – Desenho do perfil estratigráfico oeste do cerrito PSG-06, evidenciando a coluna amostral e as feições D e E. Retirado de Milheira (2013).

O cerrito PSG-06 apresentou os mesmos padrões de distribuição de registros arqueológicos do já pesquisado PSG-02. Além de não aparecer evidentes áreas de

atividade, os materiais encontrados estão muito dispersos em todos os níveis, desse modo, o material cerâmico coletado possui um número muito baixo de percentual de remontagem dos vasos. A dispersão dos materiais do sítio pode ter sido causada pela bioturbação, ou seja, pelo grande número de plantas e árvores que compõe os capões de mato. Outro fator que não se deve descartar a respeito dessa dispersão, são atividades antrópicas da população atual da região. Assim como outros tipos de artefatos foram encontrados no cerrito, o material humano presente apresentava-se muito disperso vertical e horizontalmente, corroborando a ideia de um registro arqueológico bastante “movimentado”.

CAPÍTULO 3 – Analisando a coleção

3.1- A Análise do material

A análise do material cerâmico do acervo do cerrito PSG – 06 Valverde foi executada em um período de 8 meses, iniciando após o processo de curadoria da coleção. A curadoria consiste na higienização dos materiais e catalogação individual das peças, em que cada material é marcado em nanquim com a numeração referente ao catálogo, quadrícula e inventário⁶. Após a marcação, o material é acondicionado em sacos etiquetados e armazenados na reserva técnica sob a guarda do LEPAARQ.

A análise da coleção é realizada através do preenchimento de uma ficha, onde são pontuados os atributos de análise, previamente já codificados⁷. Essa ficha foi confeccionada com o intuito de traçar um perfil geral da coleção em seus aspectos tecnológicos, conforme os objetivos gerais do projeto.

Antes da análise individual de cada fragmento da coleção, previamente foi feita a verificação do potencial de remontagem das peças, um trabalho lento e cauteloso, onde todos os fragmentos ficavam dispostos em uma bancada para uma melhor visualização, e posteriormente, agrupados pela coloração e semelhança de técnicas para a tentativa da remontagem. Feito isso, a análise individual das peças começou por ordem crescente, a partir da numeração de inventário. Dentre os atributos estabelecidos na ficha, foram preenchidas informações como: numeração da peça, nível, classe do fragmento (parede, borda ou base), dimensões (largura, comprimento e espessura), antiplásticos (tipo, tamanho e frequência), queima, tratamento das superfícies (interna e externa), marcas de uso, além das informações específicas no caso das bordas ou bases.

Após a análise de todo o material, foi feito à mão o desenho das bordas que ofereciam informações para tal com o intuito de chegar a uma projeção da forma das vasilhas, que totalizou em 54 desenhos. A escolha das bordas para projeção das vasilhas foi feita elencando-se as peças maiores, uma vez que bordas de pequenas dimensões, tanto de diâmetro quanto de altura, dificultam a leitura correta dos atributos

⁶ O catálogo referente ao sítio PSG-06 é o 114, que corresponde ao sistema do banco de dados do LEPAARQ. As peças, portanto, ao receberem a numeração em nanquim, apresentam a numeração da seguinte forma: 114.02.232, sendo catálogo, quadra e inventário, respectivamente.

⁷ Ver codificação e modelo de ficha de análise em anexo 1 e 2.

métricos para sua projeção. No entanto, há de se fazer uma ressalva. Em virtude da grande fragmentação da coleção, poucas foram as bordas que atenderiam os 25% de diâmetro propostos por Rye (1981), que aumentariam a confiabilidade da projeção, nesse caso, mesmo correndo o risco de termos baixa confiabilidade nas projeções, preferimos apresentar as mesmas com tracejados, o que demonstra onde inicia a interpretação da projeção. O prosseguimento do trabalho se deu em fotografar os artefatos que apresentaram os diferentes métodos e técnicas de confecção.

Os instrumentos utilizados no trabalho de análise do material foram além da ferramenta Excel do Microsoft Office, para preenchimento das fichas, o ábaco para medida aproximada do diâmetro das bordas, paquímetro para medição dos fragmentos, microscópio e lupa para identificação dos antiplásticos e o software Corel Draw para a digitalização dos desenhos de borda⁸.

Como já foi dito, são oriundos do cerrito PSG-06: 771 fragmentos de cerâmica. Compõe esse total, 26 peças encontradas através da peneira, logo são muito pequenas e não apresentam condições de análise. Dessa forma, dos 745 que sobraram mais uma triagem foi feita, onde os artefatos que tinham dimensões até 2cm também foram descartados da análise, por conterem características muito restritas, sendo pouco elucidativos da indústria cerâmica. O número de fragmentos não analisados totalizou 130 peças, assim, foram passíveis de análise 615 fragmentos cerâmicos. A fim de sistematizar as informações observadas na análise serão apresentados os dados em forma de gráficos e fotografias.

3.2- Número de fragmentos por classe:

O gráfico a seguir mostra a quantidade de material cerâmico escavado no sítio PSG-06 Valverde separado por classe, ou seja, quantidade de fragmento de parede do vaso, borda e base. O número de fragmentos de base é de quase zero por cento se comparado com os de parede, este que apresentou 518 peças e borda um número também baixo, de 95 fragmentos. Essa é uma situação bastante normal em sítios arqueológicos, onde o número de fragmentos de paredes cerâmicas é sempre superior, visto que é a parte da vasilha com maior superfície.

⁸ Modelo da escala de círculos concêntricos utilizada para medição do diâmetro das bordas em anexo 3.

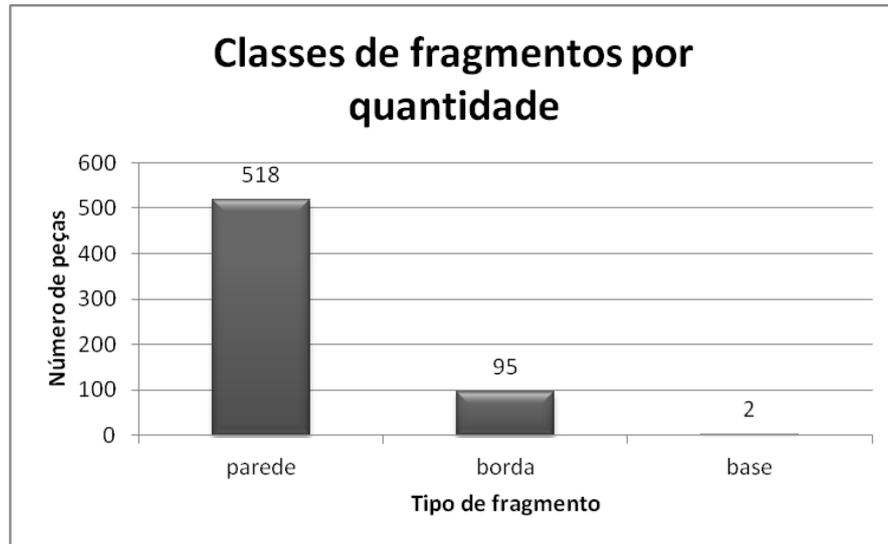


Gráfico 01 – Classes de fragmentos por quantidade.

3.2.1 – Espessura dos fragmentos:

Para fazer uma média da espessura dos fragmentos encontrados no sítio, optou-se por separar as medidas de 2 em 2 mm. Foi possível observar que as espessuras dos fragmentos entre 6-8 e 8-10mm são as que mais ocorrem na coleção. Já os fragmentos de vasos mais grossos, como de 12-14 mm e os mais finos, com 2-4 mm são mais escassos.

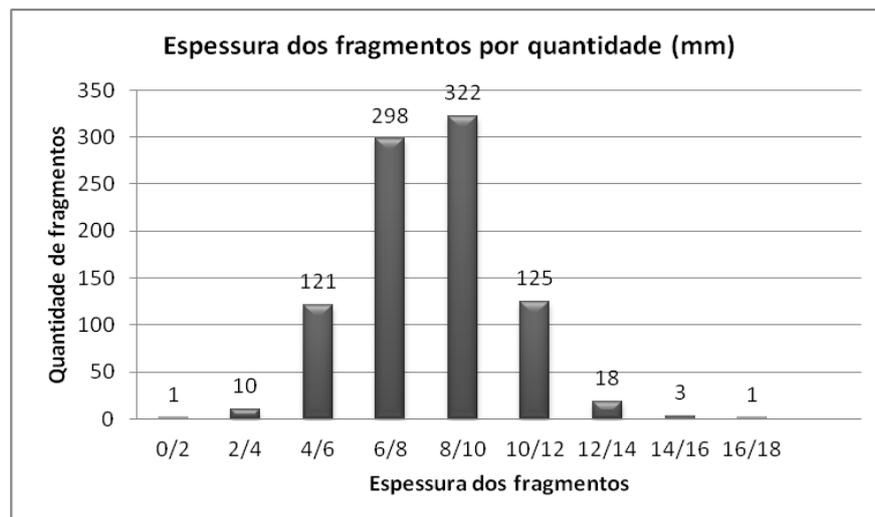


Gráfico 02 – Espessura dos fragmentos por quantidade.

3.3-Bordas

3.3.1- Diâmetro das bordas (cm):

Os diâmetros das bordas nesta análise foram medidos de forma individual, mas para o gráfico final, os tamanhos em cm foram agrupados de 2 em 2. Como resultado final, o diâmetro que mais aparece com a projeção feita através do ábaco é de 22-26 cm, seguido de 26-28 e 20-22. A frequência de diâmetros predominando entre 22 e 28 cm aponta que as vasilhas medianas e mais utilizadas teriam essas medidas, sendo as vasilhas pequenas com dimensões de borda entre 14 e 20 cm, enquanto as vasilhas grandes ocorrem entre 30 e 36 cm. As vasilhas medianas são aquelas em que as espessuras ocorrem entre 6 e 10 mm, apontando, portanto, vasilhas não muito espessas e de fácil quebra.

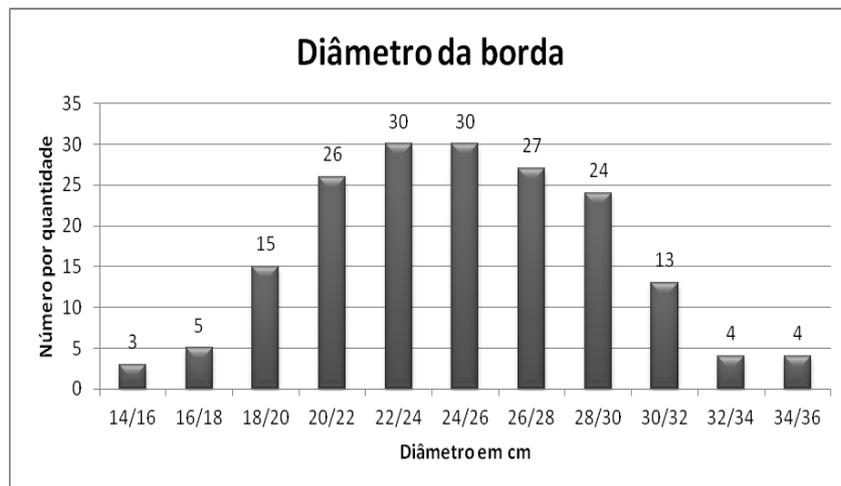


Gráfico 03 – Diâmetro da borda (cm).

3.3.2- Forma das bordas:

As bordas apresentaram-se em três tipos: direta, introvertida e extrovertida. O gráfico a seguir mostrará os resultados contrastando a forma da borda com a quantidade de fragmentos. As bordas do tipo direta se caracterizam por acompanhar a angulação do vaso, seria paralela ao pote. A introvertida possui uma inclinação voltada para a parte interna da vasilha. E o último tipo, a forma extrovertida, apresenta a borda projetada para fora. A forma direta abrange (75 peças) quase todo o acervo de bordas do sítio PSG-06, sendo que as formas introvertidas (04 peças) e extrovertidas (15 peças) são encontradas em um número reduzidos de peças.

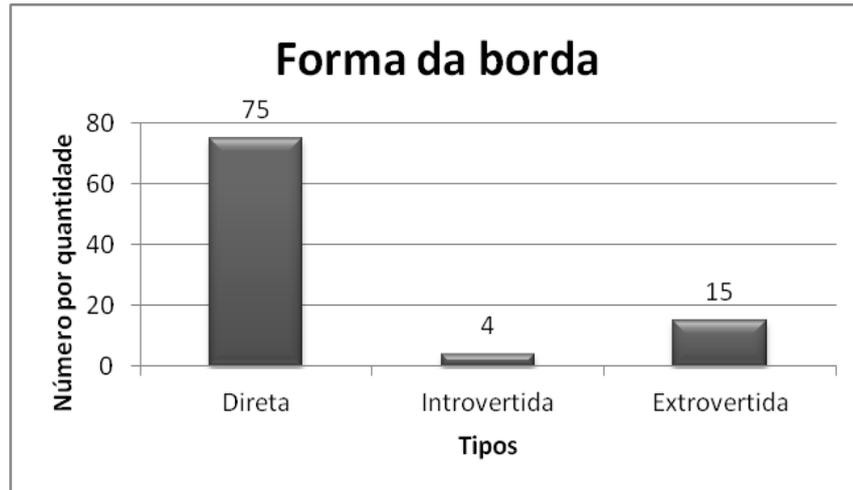


Gráfico 04 – Forma da borda por quantidade.

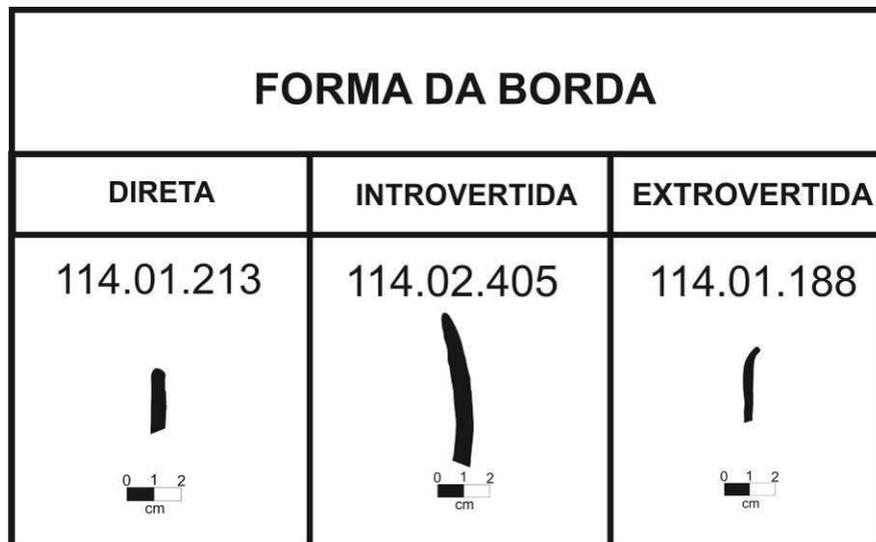


Figura 13 – Exemplos dos tipos dos três tipos de borda encontrados no acervo do cerrito PSG-06.

3.3.3 – Forma do vaso:

No processo de análise do material cerâmico foram identificados três tipos distintos de forma dos vasos, estes que são: aberto, fechado e paralelo. Seguindo as formas de classificação propostas por Milheira (2008) os tipos se caracterizam como:

- 1) aberto: são as vasilhas que apresentam o diâmetro da borda maior que o diâmetro do bojo e restante da peça.
- 2) fechado: as vasilhas que se caracterizam como fechadas, possuem o diâmetro da borda menor que o diâmetro do corpo do vaso.

- 3) paralelo: os vasos paralelos são aqueles que possuem um diâmetro da borda igual ao do corpo.

Os vasos abertos são os mais encontrados no cerrito PSG-06. Através do estudo da angulação em graus e o desenho das projeções que se pode chegar a esses resultados. Fragmentos com 90° chegaram a um número de 19, logo estes são os paralelos. E, os vasos de formato fechado, estão representados em apenas sete fragmentos analisados.

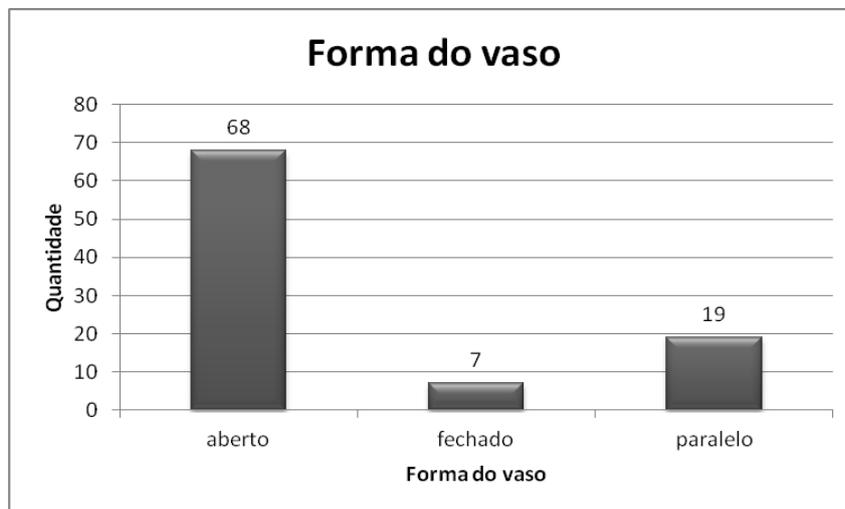


Gráfico 05 – Forma do vaso por quantidade.

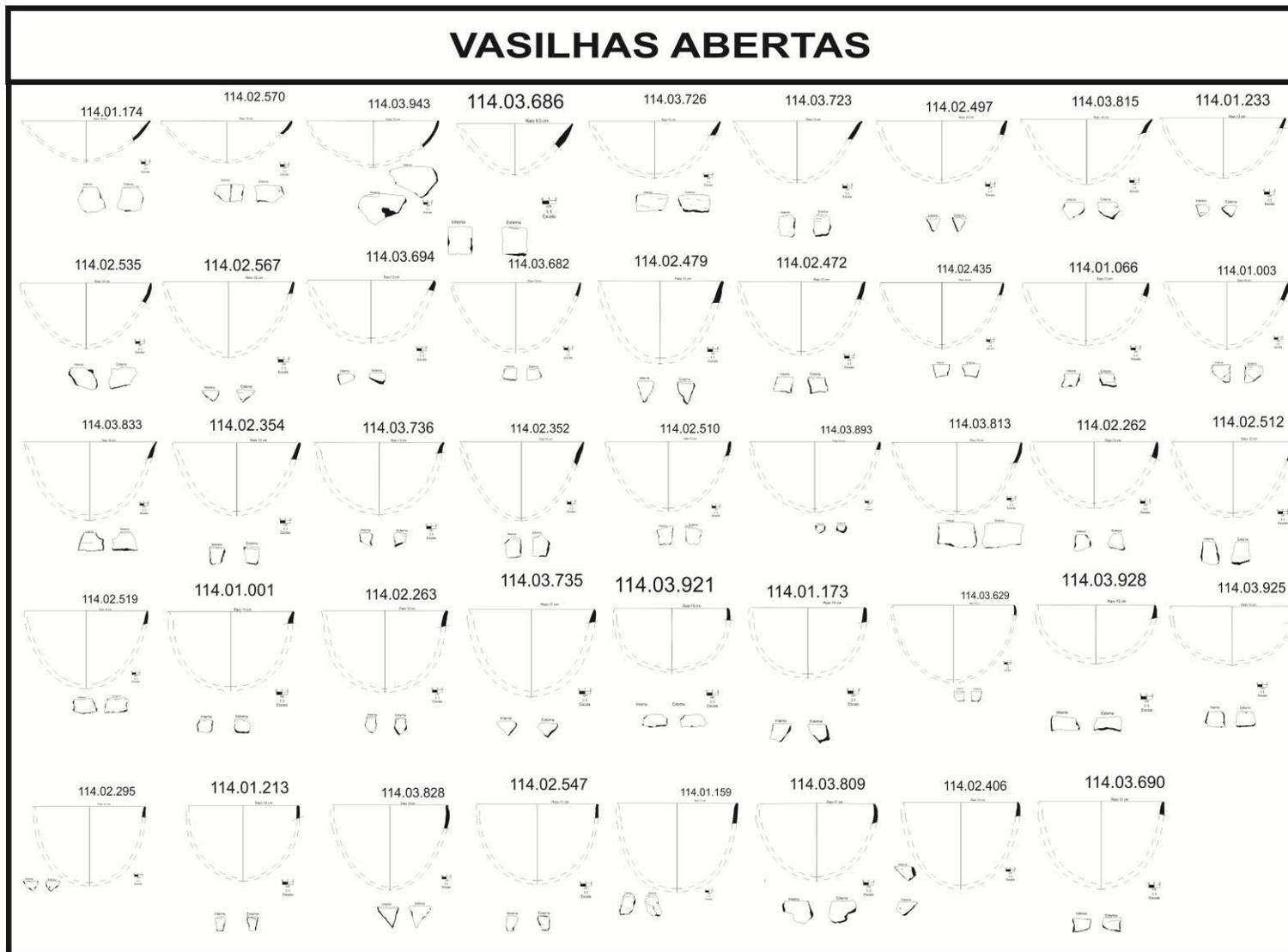


Figura 14 – Desenho das bordas e projeção das vasilhas abertas.

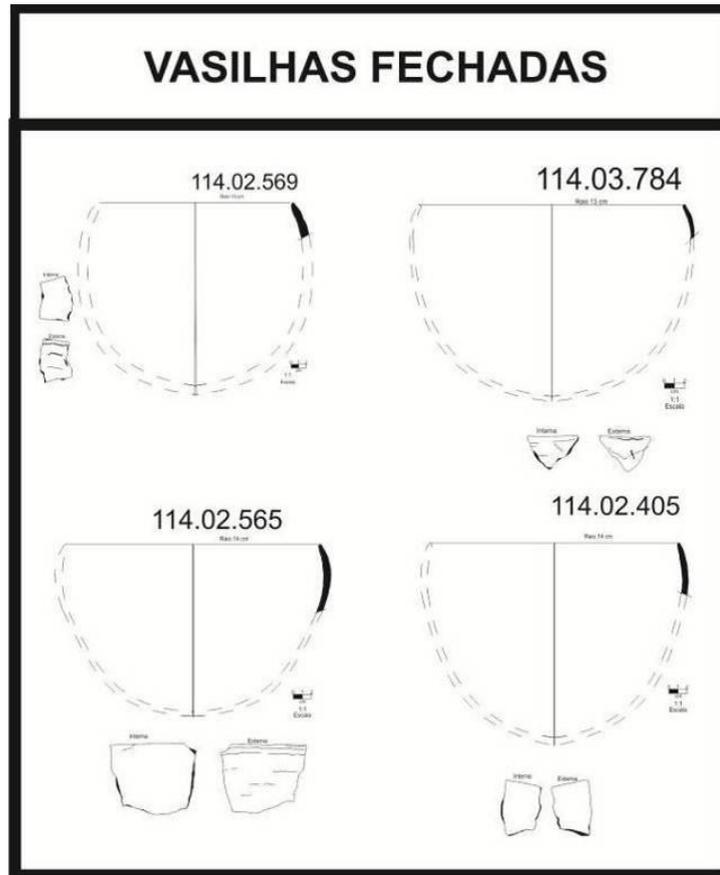


Figura 15 – Desenho das bordas e projeção das vasilhas de formato fechado.

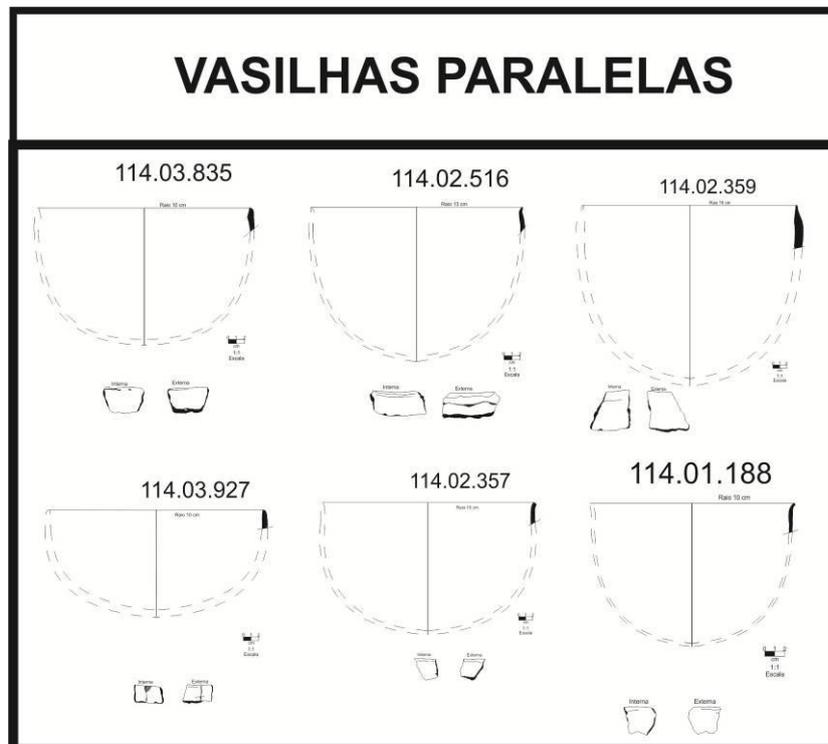


Figura 16 – Desenho das bordas e projeção dos vasos paralelos

3.3.4- Forma do lábio:

Dentre todos os fragmentos de borda analisados, só foram constatados dois tipos de forma do lábio destas peças, que foram o arredondado e o apontado. Como pode ser visto no gráfico abaixo há uma grande predominância do arredondado na forma dos lábios das bordas. O apontado fica com apenas 15 peças.

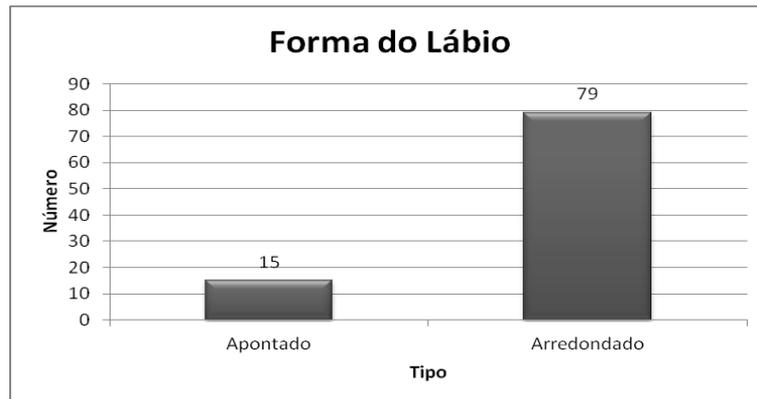


Gráfico 06 – Forma do lábio.

3.3.5- Espessura do lábio:

No desenvolvimento do gráfico apresentado a seguir, a espessura dos lábios foi agrupada de 2 em 2 mm para uma melhor explicitação, estas que vão de 1 até 10mm. As espessuras dos lábios aparecem de 1mm até 10, mas as que mais se repetem estão entre 4 e 6 mm, seguido de 6 e 8.

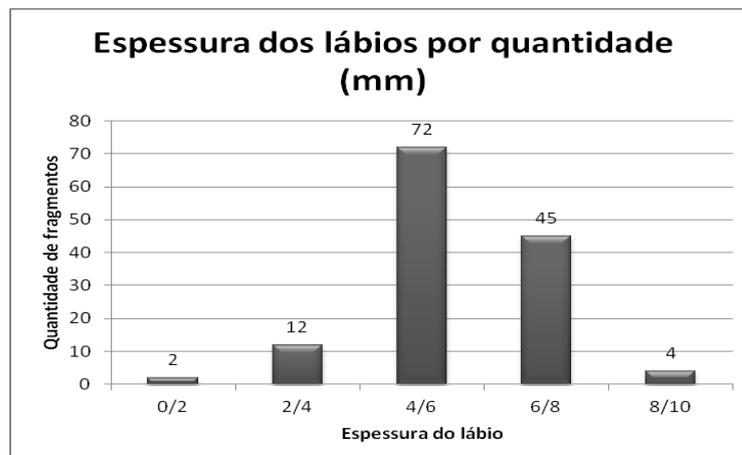


Gráfico 07 – Espessura dos lábios por quantidade (mm).

3.3.6- Decoração do lábio:

Em todos os fragmentos de borda analisados do sítio PSG-06 Valverde a decoração do lábio foi constatada como alisada, nenhum outro tipo de decoração foi identificado.

3.4- Antiplástico

3.4.1 – Antiplásticos encontrados:

O antiplástico é todo tipo de materiais não plásticos encontrados na argila, podendo ser de origem animal, vegetal ou mineral (MILHEIRA, 2008). Ele é responsável por dar liga e firmeza à pasta na qual a cerâmica é construída, bem como diminuir a plasticidade da argila.

No caso do cerrito PSG-06 foram analisados 585 fragmentos de cerâmica que só apresentou mineral como antiplástico, ou seja, nenhum outro tipo foi adicionado na pasta. Além do mineral que sempre aparece, também foram encontrados concha moída e hematita.

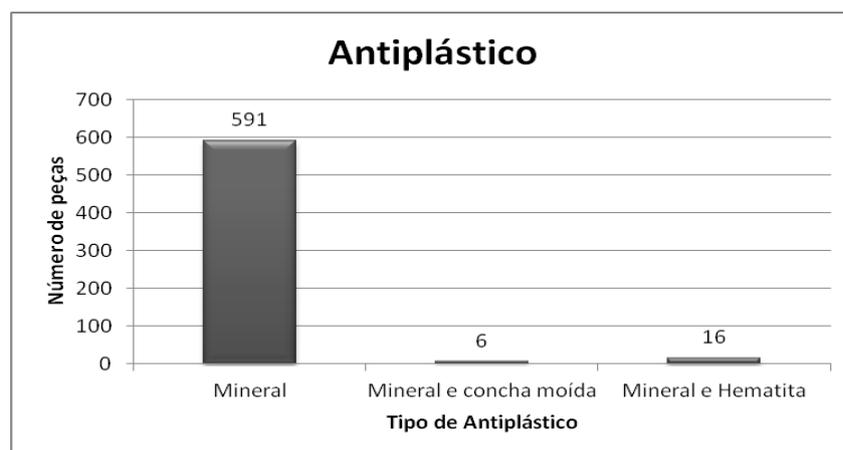


Gráfico 08 – Tipos de antiplástico.

3.4.2 – Frequência dos antiplásticos:

A cerâmica desse cerrito é composta em quase toda sua maioria com 10% ou menos de antiplástico em sua pasta, o que se diferencia de por exemplo, da pesquisa

de Schmitz (1976), na qual ele afirma uma presença densa de antiplásticos na cerâmica dos cerritos.

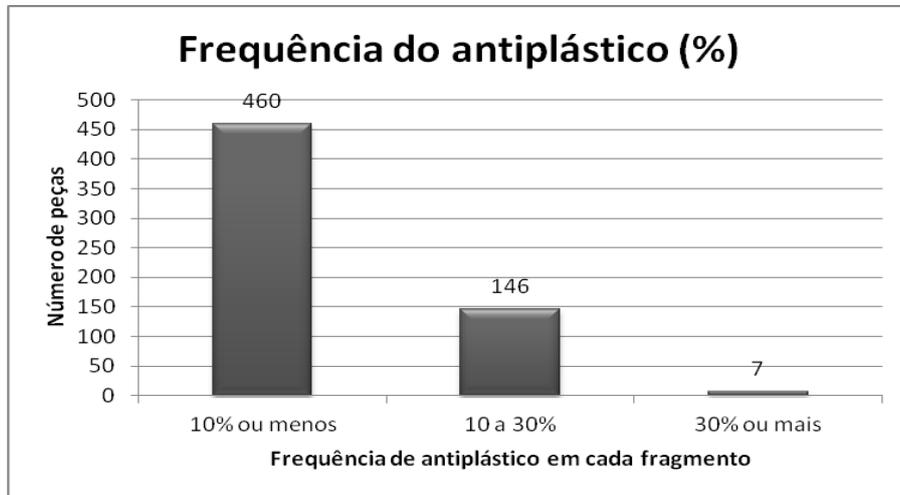


Gráfico 09 – Frequência do antiplástico.



Figura 17 – nº peça 114.03.838 – Presença de até 10% de antiplástico. Foto do autor.



Figura 18 – nº peça 114.01.200 – Presença de antiplástico de 10 a 30%. Foto do autor.



Figura 19 – nº peça 114.02.356 – Presença de 30% ou mais de antiplástico (grifo em vermelho). Foto do autor.

3.4.3 – Tamanho dos antiplásticos:

O antiplástico fino (com até 2mm de tamanho) tem uma grande predominância em relação aos outros no cerrito PSG-06, sendo que o segundo tipo que mais aparece é o fino/médio (que varia de 1 até 4mm), algo que diverge de resultados encontrados nas pesquisas de Mentz Ribeiro (1977), texto aqui já tratado. Nessa pesquisa, Mentz Ribeiro aponta para maior predominância de antiplásticos grossos na cerâmica dos cerritos, que ele chama de “pé-de-moleque”, o que seria uma característica típica da cerâmica Vieira. Porém, os dados permitem concordar com Bracco, Puerto e Inda (2008), quando esses apontam uma variação maior na granulometria do antiplástico presente nas cerâmicas, inclusive, duvidando que o material antiplástico possa ser utilizado como demarcador da tradição Vieira e, portanto, de etnicidade, como apontava Mentz Ribeiro (1977).

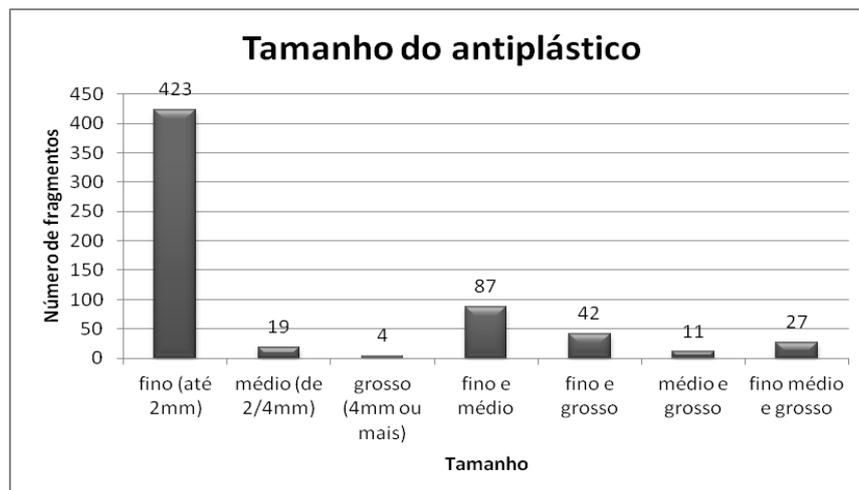


Gráfico 10 – Tamanho do antiplástico.

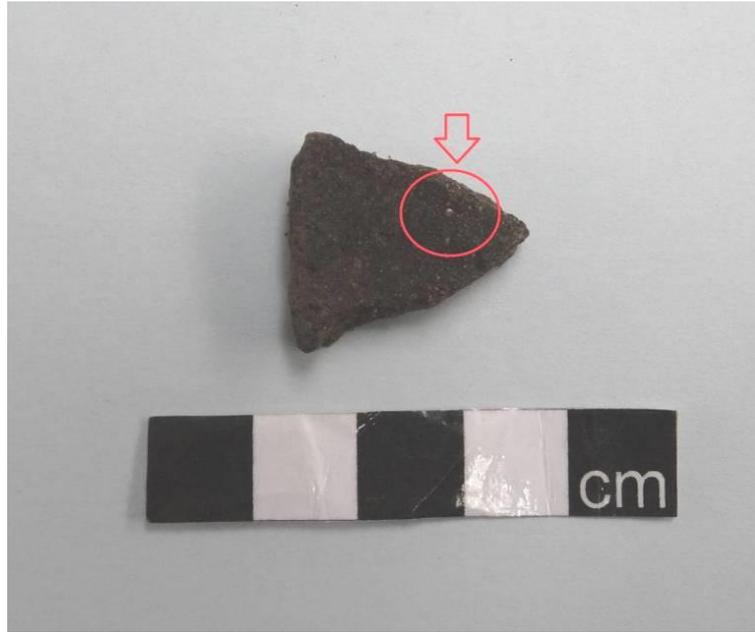


Figura 20 – nº peça 114.01.045 – Antiplástico fino com até 2mm (grifo em vermelho). Foto do autor.



Figura 21 – nº peça 114.03.634 – Antiplástico médio de 2 a 4mm (grifo em vermelho). Foto do autor.



Figura 22 – nº peça 114.01.180 – Antiplástico grosso (grifo em vermelho). Foto do autor.

3.5 – Técnica de manufatura:

Pelo fato do acervo cerâmico do cerrito PSG-06 encontrar-se muito fragmentado e o tamanho desses fragmentos serem muito pequenos, a análise das técnicas de manufaturas limitaram-se a apenas algumas peças. As peças que apresentaram condições para tal análise revelaram terem sido confeccionadas a partir de roletes, característica notada em várias publicações (por exemplo, BRACCO, PUERTO E INDA, 2008).

3.6- Queima:

O material encontrado no cerrito PSG-06 apresenta uma grande variação no modo de queima das vasilhas. Isto pode ser constatado pela variedade das colorações e da parte interna das cerâmicas analisadas.

A análise do material aponta para uma preferência da queima redutora (que aparece como cinza a preto) dos cerriteiros que confeccionavam os vasos, com 395 ocorrências. Os dois estilos que aparecem em segundo e terceiro lugar são feitos a partir de uma queima oxidante o que resulta em um vaso mais claro, representados aqui do laranja até o pardo. Além destes tipos, o sítio ainda apresenta queimas que

resultam em partes internas e externas com cores diferentes e ainda peças com núcleos⁹.

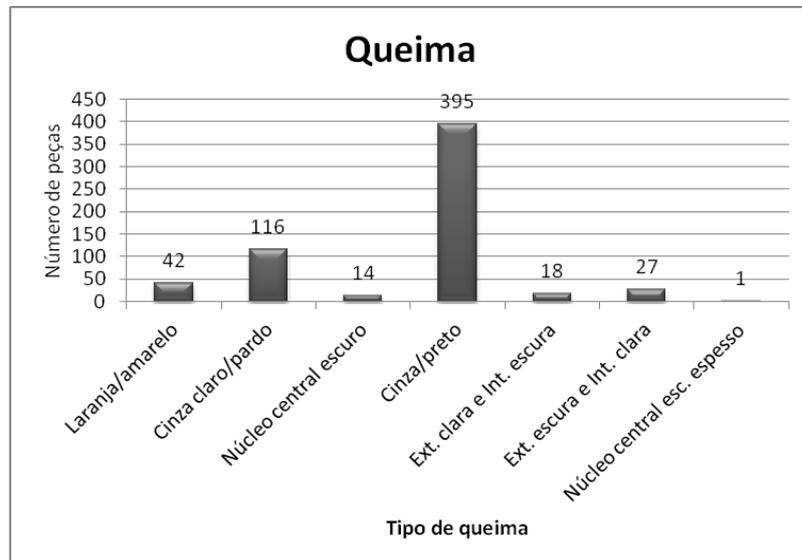


Gráfico 11 – Freqüência do tipo de queima.

3.7 – Tratamento da superfície:

O tratamento da superfície das peças bem com o nome já diz, é o tratamento que a cerâmica recebeu antes do seu cozimento. Várias técnicas no cerrito foram encontradas, tanto na parte interna quanto externa das vasilhas, que são: o alisamento, o polimento, esfumaçado e a obliteração dos roletes.

Segundo Milheira (2008 *apud* LA SALVIA e BROCHADO, 1989) estas técnicas se caracterizam:

- 1) Alisamento: caracteriza-se por um acabamento da peça geralmente feito com a mão, pela polpa dos dedos ou com o auxílio de um tipo de espátula. O alisamento é o processo que sucede a fixação e junção dos roletes.
- 2) Polimento: é forma de tratamento da superfície com a qual se demandava tempo e minúcia para sua feitura. Trata-se de uma superfície impecável, extremamente lisa. Passa pelo mesmo processo do alisamento, mas seu acabamento pode ser feito anterior ou posteriormente à queima. Objetiva-se com o polimento diminuir

⁹ As peças que apresentam núcleos, também são chamadas na bibliografia de queima tipo “sanduíche”(MILHEIRA, 2008).

a rugosidade ou até um afinamento das paredes do vaso (MILHEIRA, 2008; LA SALVIA e BROCHADO, 1989)

- 3) Esfumaçado: no cerrito PSG-06 é encontrado nos fragmentos alisados. Pode-se diferenciar o esfumaçado de marcas de uso pelo fato de que o esfumaçado apresenta a marca da chama bem delineada e densa na superfície da cerâmica. O esfumaçado, segundo Rodrigues (2007) que analisa esse tipo de decoração na cerâmica Kaingang, não apresenta uma regularidade. A partir de uma técnica de pigmentação, as manchas vão se formando aleatoriamente na superfície da cerâmica. Desse modo, o processo segue as escolhas realizadas pelo artesão a partir do manuseio do utensílio ainda incandescente em contato com materiais orgânicos (normalmente uma palha), que se aquecem facilmente e resultam numa combustão incompleta. Assim, a peça vai absorvendo os pigmentos da combustão, e de acordo com o movimento realizado pelo indivíduo que o está fazendo utilizando uma pinça, as manchas pretas vão se constituindo na superfície da cerâmica, produzindo as mais variadas formas. É importante comentar que esse tipo de tratamento de superfície nunca foi percebido na cerâmica dos cerritos (quicá nunca tenha sido considerado em outras indústrias cerâmicas arqueológicas no Brasil) e sua observação em cerâmicas indígenas só foi possível por conta do trabalho de Rodriguez entre os Kaingang, ou seja, no campo etnográfico (ver fotos da cerâmica esfumaçada Kaingang nas figuras 25, 26, 27 e 28). Logo, a observação dessa técnica de esfumaçado provém de uma extrapolação etnográfica ao campo arqueológico e deverá ser testada em outras coleções similares da cultura dos grupos construtores ceramistas.
- 4) Obliteração dos roletes: a obliteração dos roletes pode ser entendida como um não tratamento das superfícies, de modo que, os roletes que compõe e dão forma à cerâmica não são escondidos. Esse modelo só foi constatado na superfície externa.

3.7.1- Interna:

O alisamento é o tratamento da superfície interna que aparece em todas as peças do acervo do sítio. Em algumas, juntamente com o alisado está presente também o polimento em 6 fragmentos e o esfumaçado em 10 peças.

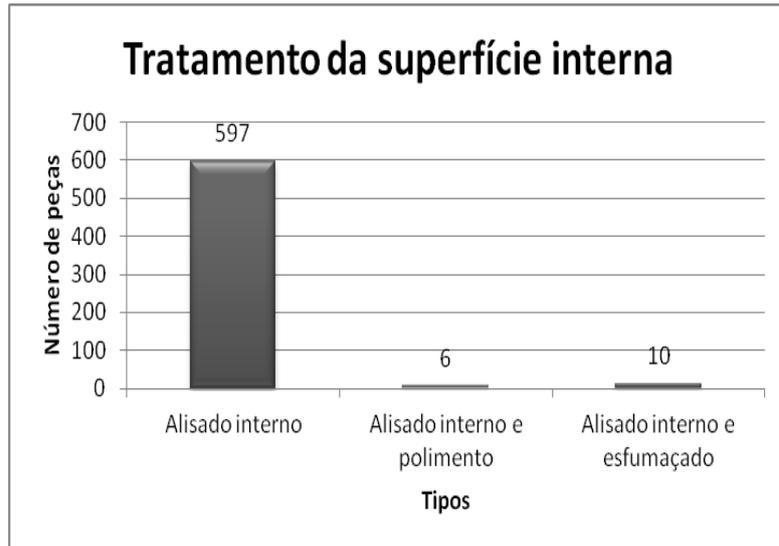


Gráfico 12- Frequência de tratamento de superfície interna.



Figura 23 – Tratamento da superfície interna alisado. Foto do autor.



Figura 24 – Tratamento da superfície interna alisado com polimento. Foto do autor.



Figura 25 e 26 – Artesão em contexto Kaingang produzindo a técnica do esfumaçado. (fotos: RODRIGUES, 2007).



Figuras 27 e 28- Peças de origem Kaingang com o esfumaçado interno e externo, semelhante ao que foi encontrado em fragmentos de cerâmica oriundos do cerrito PSG-06. (fotos: RODRIGUES, 2007).



Figuras 29 e 30 – nº peça 114.01.174 e 114.02.358 – diferenciação da técnica do esfumado (esquerda) para fragmento com presença de fuligem interna (salientado em vermelho, direita). Foto do autor.



Figura 31 – peça com esfumado interno. Foto do autor.

3.7.2 – Externa:

Assim como no tratamento da superfície interna, o alisado é a técnica mais utilizada na confecção destas vasilhas. Neste gráfico, deve-se dar destaque para 6 fragmentos com o não alisamento da parte externa, deixando visível a junção dos roletes (obliteração).

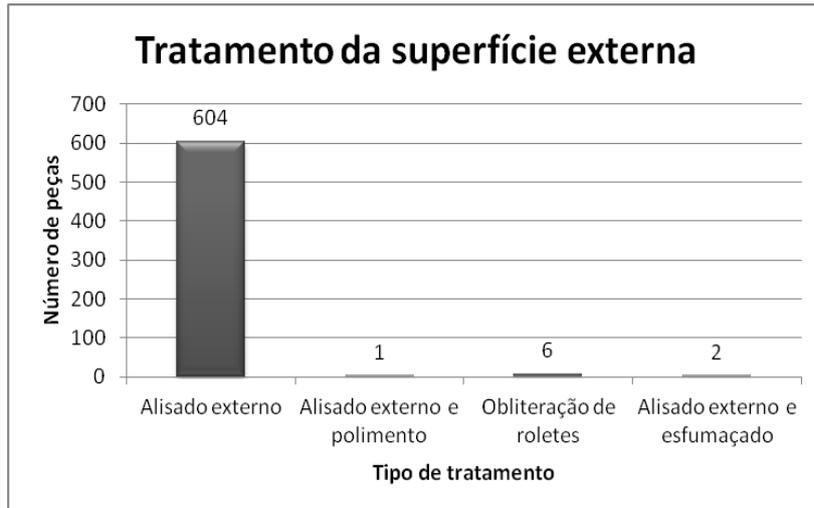


Gráfico 13 – Frequência do tratamento da superfície externa.



Figura 32 – nº peça 114.02.565- Obliteração dos roletes (grifos em vermelho). Foto do autor.

3.8- Instrumento utilizado na confecção da peça:

No processo de confecção das peças, os cerriteiros utilizavam alguns tipos de instrumentos. No sítio PSG-06 apareceram a polpa do dedo e o esteco de oleiro. A polpa do dedo quando utilizada, não apresenta marcas tão peculiares como o esteco de oleiro. Nas vasilhas que são tratadas com a palha, marcas apresentam-se

geralmente no sentido horizontal ou diagonal nos fragmentos, algo como listras regulares são encontradas ao longo da peça.

O alisado feito com manuseio, que chamamos como “polpa do dedo” aparece indiscutivelmente como a técnica mais utilizada na confecção da cerâmica. A palha, esteco de oleiro aparece em 11 fragmentos, algumas na parte interna outras na externa.

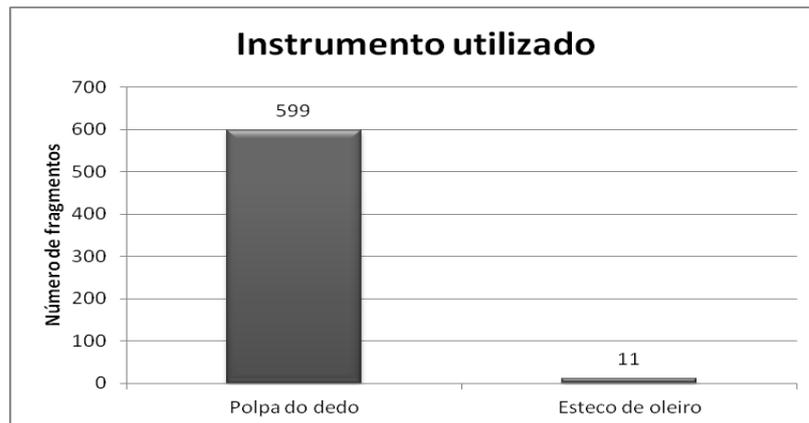


Gráfico 14 – Frequência do instrumento utilizado.



Figura 33 – nº peça 114.02.416 - Esteco de oleiro superfície interna (grifado em vermelho). Foto do autor.



Figura 34 – nº peça 114.02.519 – Esteco de oleiro superfície externa. Foto do autor.

3.9 – Decoração plástica:

Na cerâmica do sítio PSG-06 Valverde, a decoração plástica da superfície interna apresentou 5 técnicas diferentes, enquanto a externa apresentou 6. Estas que são: alisado (tratado aqui como decoração e não mais só como tratamento da superfície, e que se divide em 4 sub-categorias: alisado, alisado irregular, alisado áspero e alisado refinado), digitado (apenas superfície externa) e o unglado.

Segundo Milheira (2008), a decoração plástica se dá a partir da manipulação da vasilha quando a argila ainda encontra-se úmida, assim, deixa marcas em relevo, baixo relevo e apliques. Técnicas como o alisado, digitado e o unglado são muito recorrentes em sítios de presença da cerâmica Guarani.

1) Alisado irregular: o alisado irregular por outro lado, é uma técnica menos rebuscada. Quando encontrado, passa a impressão de que a vasilha que possui essa técnica seria de uso expedito ou, até mesmo, confeccionado por um indivíduo com pouca experiência.

2) Alisado áspero: o alisado áspero é sensível ao tato, pois, apresenta uma superfície texturizada. Possivelmente é resultado de uma pasta com sedimentos mais grossos, chamada de “areião” (SCHMITZ, 1976) ou pé-de-moleque (MENTZ RIBEIRO,

1977). Nos artefatos que foi destacada essa técnica, o alisado era regular, ou seja, alisada com a mão.

3) Alisado regular: o alisado regular, também chamado aqui como “alisado”, é classificado como tal quando não apresenta aparentemente ter sido feito com o auxílio de algum tipo de instrumento, além do processamento manual. Não recebeu nenhum tratamento em especial, aparentemente.

4) Alisado refinado: é uma técnica de alisado que está localizada entre o alisado e o polimento. É um alisado bastante trabalhado, que por muitas vezes se não dada a devida atenção na análise, pode ser confundido como um objeto polido. É possível afirmar que nesta técnica algum tipo de instrumento era utilizado para dar um acabamento final, algo como uma cabaça ou seixo alisado, ou, talvez, um alisamento manual com a argila em um ponto de dureza mais plástica que nos demais casos.

5) Digitado: é uma decoração plástica feita a partir da impressão da polpa do dedo na superfície do vaso, geralmente feita com o dedo polegar e encontrada na parte externa da cerâmica.

6) Ungulado: O ungulado é uma decoração na qual a unha era pressionada na peça antes de seu cozimento de forma a deixar marcas impressas na superfície, marcas que podem ser observadas facilmente.

3.9.1 – Interna:

Na decoração plástica interna o alisado apresenta uma grande diferença de ocorrências para as outras técnicas, aparecendo em 424 fragmentos. Já o alisado áspero aparece em segundo, com 125 fragmentos.

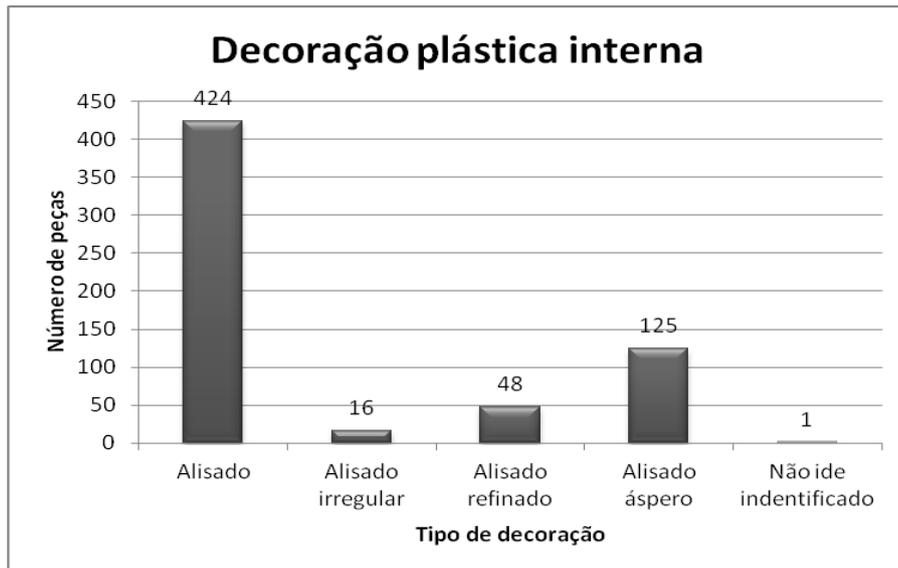


Gráfico 15 – Frequência da decoração plástica interna.



Figura 35 – nºpeça 114.03.943 – Alisado interno. Foto do autor.



Figura 36 – nº peça 114.02.560 – Alisado refinado interno. Foto do autor.



Figura 37 – nº peça 114.02.250 – Alisado áspero. Foto do autor.

3.9.2 – Externa:

Como pode ser visto no gráfico abaixo, o alisado irregular aparece em maior parte dos fragmentos, o que pode nos levar a pensar sobre os aspectos funcionais das vasilhas, em que a preocupação com a estética seria secundarizada. Nesse sentido, o acabamento interno era o que recebia mais cuidados, pois, ele que estaria em contato direto com os alimentos e líquidos.

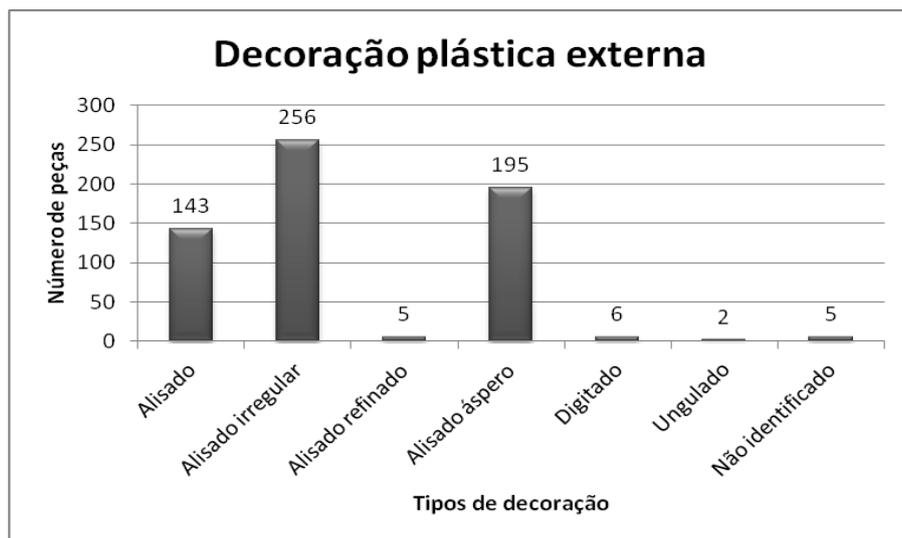


Gráfico 16 – Frequência da decoração plástica externa.



Figura 38 – nº peça 114.01.104 – Alisado irregular externo. Foto do autor.



Figura 39 – nº peça 114.03.691 – Digitado (apontado em vermelho). Foto do autor.

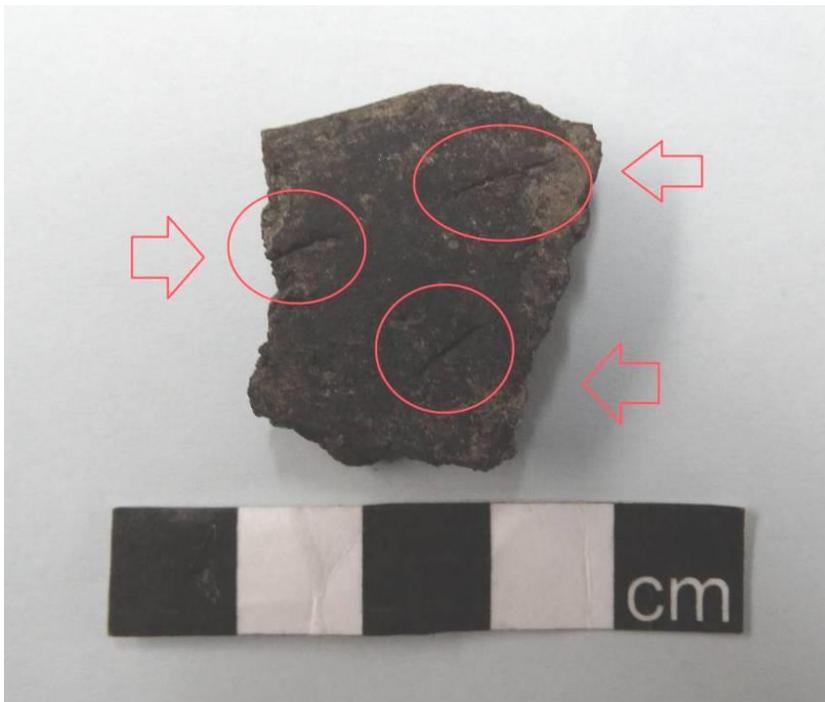


Figura 40 – nº peça 114.01.067 – Ungulado na superfície externa (grifo em vermelho). Foto do autor.

3.10- Marcas de uso:

De todo acervo cerâmico do sítio PSG-06, foi possível observar na análise do material um total de 34 fragmentos com marcas de uso, e que se limitaram

basicamente a indícios de fuligem. Os materiais apresentaram marcas tanto na superfície externa quanto na interna.

Os fragmentos que apresentam marcas na parte externa, que neste caso são 24, se limitam apenas a fuligem, ou seja, uma marca que é o resultado do contato da vasilha com a chama do fogo, geralmente associado ao cozimento dos alimentos. Já os objetos que possuem marcas na parte interna, em alguns casos, pode-se observar indícios mais espessos de fuligem, como uma crosta. Crosta esta que pode ser vestígio de matérias-orgânicas carbonizadas fixadas na superfície do fragmento, fruto de uma possível fervura de alimentos, por exemplo¹⁰.

Além disso, dois fragmentos caracterizados por apresentarem “furo de suspensão” foram encontrados, um bem fragmentado e outro que mostra claramente um desgaste na borda deste orifício, o que revela o seu uso e o desgaste pela uma possível movimentação com carga, sustentado por um tipo de corda.

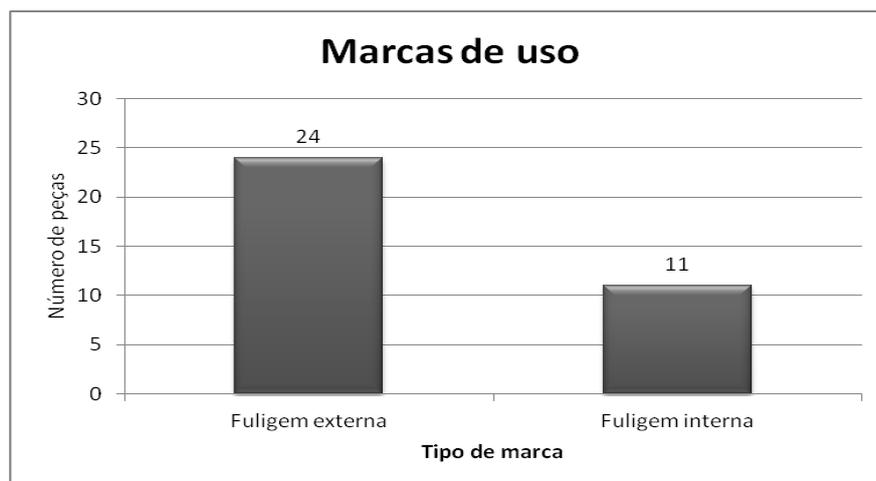


Gráfico 17 – Frequência das marcas de uso, fuligem externa e interna.

¹⁰ Uma análise arqueométrica destes fragmentos poderiam apontar se a fuligem é residual de alimento ou outro tipo de vestígio.



Figura 41 – peça nº114.01.004 – fuligem parte externa (indicação em vermelho). Foto do autor.



Figura 42 – nº peça 114.02.516 – Fuligem interna em uma superfície alisada (indicação em vermelho). Foto do autor.



Figuras 43 e 44 – peça nº114.03.785 – desgaste interno do orifício de suspensão (indicação em vermelho). Foto do autor.

3.11 – Potencial de remontagem das peças:

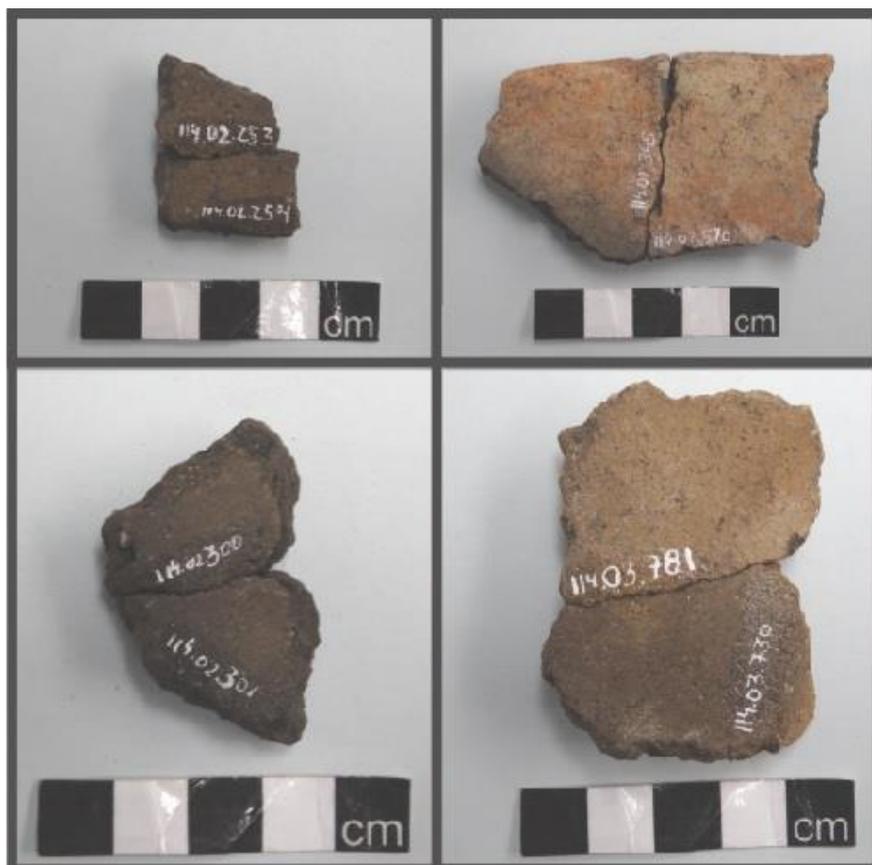
Como já era previsto, o percentual de remontagem dos fragmentos do cerrito PSG-06 foi muito baixo, assim como no também visto nos cerritos analisados por Belletti (2010)¹¹. Do total de 745 fragmentos analisados do PSG-06, apenas 17 foram remontadas.

Com apenas 2% do total do acervo cerâmico do sítio remontado, novamente nos leva a pensar em um alto grau de “remeximento” do sítio, como já citado, seja por causas antrópicas, da população local pela criação do gado, manejo e retirada da terra e/ou também pela própria vegetação existente que cobre o sítio, pelo crescimento de raízes e radículas no interior desses montículos.

¹¹ Nessa ocasião, Belletti também constata o alto grau de fragmentação do material cerâmico nos dois sítios analisados por ela.



Figuras 45 - peças remontadas do acervo do sítio PSG-06 Valverde. Fotos do autor.



Figuras 46 – peças remontadas do acervo do sítio PSG-06 Valverde. Fotos do autor.

CAPÍTULO 4 – Discutindo a cerâmica dos cerritos

Como vimos anteriormente, os aterros foram interpretados por Schmitz (1976) sob a perspectiva do PRONAPA. Esta perspectiva visava encontrar indicadores cronológicos, que marcassem com firmeza o “desenvolvimento” dos sítios, e também a funcionalidade e “aculturação”, sendo a cerâmica o principal registro usado para encontrar esses indicadores. Sob essa ótica, o autor classificou e definiu características formais da cerâmica, denominando-a de “Tradição ceramista Vieira”, esta que por sua vez continha três subgrupos: Fase Lagoa (fase pré-cerâmica), Fase Torotama e por último, a Fase Vieira (SCHMITZ, 1976).

Em um âmbito geral, a cerâmica das duas Fases (Torotama e Vieira) foi tratada como “tosca”, e eventualmente quando apresentava alguma decoração plástica que fugisse dos padrões esperados, era então tratada como resultado dos processos de aculturação vetorizados pelos grupos Guarani. Além disso, Schmitz (1976) trata a variação artefactual dentro da tradição Vieira como o aprimoramento de técnicas dentro um quadro evolutivo: do simples ao complexo. No entanto, o autor não leva em consideração as possibilidades de escolhas ou agências, tanto individuais como coletivas, ou seja, deixa de lado a escolha pessoal de cada artesã pela preferência de, por exemplo, um tipo de antiplástico ou de uma argila na confecção de um vaso. Da mesma forma, o autor desconsidera a possibilidade de que diferentes contextos, com funções específicas, possam ter requerido vasilhas com maior ou menor complexidade tecnológica, apontando diferenças estilísticas consideráveis.

Diante desse paradigma encontrado na concepção da Tradição Vieira, trataremos a seguir o conceito de heterogeneidade com o qual Mazz, Pizzorno e Nadal (2001) se propuseram a abordar a cerâmica associada aos cerritos.

Ao revisarem a Tradição Vieira, os autores discutem a denominação de fases e apontam esse elemento como um agente homogeneizante para a leitura da cultura material dos povos construtores dos cerritos. Ou seja, ao se categorizar esses conjuntos de artefatos e selecioná-los em dois tipos, as interpretações dessas informações tornam-se limitadas em si próprias, e tomando-se este viés, a cerâmica dos cerritos passa a apresentar um caráter homogêneo. Um olhar superficial tende a tornar a visão mais "simplista" do registro arqueológico. Por outro lado, se tomarmos esses materiais sob outra ótica, com o foco mais atento e centralizado na cadeia operatória da tecnologia e não focando nos tipos diagnósticos, como geralmente fora

feito pela arqueologia tradicional, podemos chegar a outras conclusões mais abrangentes de um ponto de vista antropológico. Olhando mais de perto, com um enfoque pormenorizado do registro, podemos ultrapassar essa “simplicidade” e enxergar elementos tecnológicos que uma leitura superficial e global não é capaz de interpretar. Observar a tecnologia através da comparação de diferenças e similaridades permite apontar aspectos importantes relativos à variabilidade artefactual. Esses aspectos podem ser melhor compreendidos se descritos através de uma abordagem processual de cadeias operatórias, cujos principais objetivos são apontar: 1) os aspectos formais, técnicos e estilísticos da tecnologia; 2) as escolhas tecnológicas dentro de um repertório de escolhas possíveis e reconhecidas arqueologicamente; 3) as mudanças na tecnologia.

Sobre a cadeia operatória, Galhardo e Luz (2014) descrevem:

“O conceito de cadeia operatória busca dar sentido ao objeto, na medida em que objetiva desvendar todo seu histórico; sendo assim, da mesma forma, transformar algo que é estático aos olhos do pesquisador, e que perdurou até o presente em um portador de informações sujeito-objeto, sujeito-sujeito, sujeito-meio e mesmo objeto-objeto. Considera-se, desse modo, que o conceito é um instrumento metodológico de observação, de descrição e análise dos processos técnicos, ou seja, um meio bastante flexível e eficiente que serve de base para diferentes propósitos, sendo aplicado por pesquisadores em diversas perspectivas (GALHARDO e LUZ, 2014).

Partindo da noção de que nenhuma cultura humana é estática e que a cultura material produzida por ela é o reflexo do pensamento humano e a extrapolação de uma visão de mundo, como uma população manter-se-ia ao longo de centenas de anos presa no tempo e no espaço e representada em forma de duas Fases?

Bandeira (2001 *apud* BELLETTI, 2010) afirma que o estudo da etnicidade traria a percepção de que os grupos étnicos não são monolíticos e homogêneos, bem como mostraria que a mudança cultural não pode ser vista apenas nos termos de assimilação ou perda de identidade.

Entender a variabilidade artefactual é de extrema importância, pois é o que permite apontar aspectos heterogêneos ou homogêneos presentes na cultura material. Nesse sentido, qual o significado da variabilidade artefactual? Por que são

encontrados determinados tipos de alisamentos? Ou, por que a vasilha (a) é mais espessa que a (b)? Estas questões podem ser respondidas de forma simples e sucinta: escolhas! As diversas motivações sejam elas individuais, coletivas ou até mesmo as utilitárias, levam algumas pessoas a fazer as coisas de um jeito e outras de uma forma diferente. Desse modo, a variabilidade na cerâmica dos cerritos é a maior prova de que determinados tipos de vasilhas eram confeccionados para funções específicas e se alguma encontrada é considerada como "simples", possivelmente é por que ela deveria ter um uso com o qual não requeria um maior aprimoramento.

Sugere-se então, que ao analisar a cultura material desses povos, o foco do pesquisador deve se voltar mais sobre a complexidade tecnológica e estilística, assim, se poderia problematizar a ideia de homogeneidade sobre o registro, e que para uma melhor compreensão dessa cultura, este deveria ser seu o ponto de partida.

4.1- A variabilidade artefactual do cerrito PSG-06 Valverde

Após essa rápida conceitualização a respeito de heterogeneidade, variabilidade artefactual, cadeia operatória e que fatores como subjetividades e funcionalidades influenciam o artesão no momento da escolha de suas matérias-primas e de suas técnicas aplicadas na confecção de uma vasilha, talvez fique mais claro de se interpretar a variedade estilística e tecnológica existente nos fragmentos analisados do acervo do cerrito PSG- 06. A partir daqui, tentaremos mostrar algumas dessas variações estilísticas que o conjunto cerâmico analisado apresentou, detalhadas no terceiro capítulo.

Um dos pontos-chave para a observação dessa variabilidade artefactual apresentada no cerrito PSG-06, foi a variedade de tratamentos de superfícies, de decoração plástica, tamanho de antiplástico e frequência e queima dos fragmentos encontrados. Além disso, mostraremos a distribuição dos fragmentos, através da exposição dos níveis estratigráficos nos quais esses artefatos foram encontrados.

A começar com o tratamento da superfície tanto interna quanto externa que apresentaram quatro estilos diferentes (gráficos 12 e 13). A interna, além da superfície alisada, apresentou o polimento (figura 24) e o esfumaçado (figuras 29 e 31), este que nos chamou atenção pelo fato de que antes só tinha sido constatada na cerâmica

produzida pelos kaingang¹². Os fragmentos encontrados que demonstraram o esfumaçado como técnica estilística na superfície interna, estavam situados entre os níveis 4 e o 12, e na superfície externa dois fragmentos foram encontrados com essa técnica, que foram localizados nos níveis um e quatro. A interpretação destes dados pode nos remeter que essa decoração poderia ter sido produzida e utilizada em um período intermediário de ocupação do cerrito analisado. Porém, mais dados seriam necessários para afirmar com propriedade essa hipótese. As peças polidas (somente superfície interna) apresentam um aspecto “brilhante” na superfície, dão a impressão que seu acabamento foi feito com algum tipo de seixo ou cabaça (com o qual não deixam marcas como a palha, por exemplo), e que bastante tempo foi empregado para a confecção de tal tratamento. Essas peças foram encontradas entre o primeiro e o quinto nível das quadrículas, o que demonstra que essa técnica começou a ser aplicada em um possível último nível de ocupação.

Na superfície externa, além do alisado e também do esfumaçado, essa superfície apresentou um tratamento conhecido como “obliteração dos roletes”, que se caracteriza pelo aparecimento dos roletes que compõe a peça (ver figura 32). Os fragmentos em que apareceram a “obliteração dos roletes”, apresentam-se por um não alisamento da parte externa da vasilha, o que resulta em uma má junção dos roletes, e estes, que por sua vez, ficam à mostra na superfície. Dessa forma, por não se ter um alisamento por inteiro, a peça possivelmente poderia se tornar mais frágil. Com relação a sua distribuição no registro, os fragmentos que possuem a “obliteração dos roletes”, foram encontrados em três níveis diferentes, sendo que duas ocorrências no terceiro nível estratigráfico, um no décimo e três no décimo segundo. Assim, podemos dizer que esse tratamento da superfície externa, ou não tratamento, conforme o entendimento, teria sido aplicado em um período de ocupação mais antigo do sítio. Tratando do alisado encontrado, tanto na superfície interna quanto na externa normalmente é regular (produzido apenas com o manuseio), mas também apareceram outros tipos, que mais adiante serão discutidos.

Os instrumentos utilizados para o tratamento dessas superfícies na sua confecção, como pode ser visualizado no gráfico 14, apareceram de duas formas: a palha (esteco de oleiro, figuras 33 e 34) e a polpa do dedo, este que se caracteriza no

¹² Robson Rodrigues (2006) discute em sua tese a partir de dados etnográficos os diferentes tipos de esfumaçado encontrados na cerâmica dos Kaingang, ilustrando com fotos do processo de produção.

geral por um alisado regular, mencionado anteriormente. Tanto as peças alisadas pelo manuseio (polpa do dedo) quanto as pela palha, foram classificadas na análise como alisado regular, devido ao fato que as duas deixam algum tipo de marca na superfície da peça, não se trata de um alisado tão aprimorado. O alisamento feito com as mãos deixa impresso por vezes alguns negativos de digitais e de unhas, que podem ser facilmente verificados. Já o esteco de oleiro quando constatado como instrumento auxiliar para o alisamento, apresentou linhas ao longo da superfície da peça, essas que foram observadas no sentido horizontal e diagonal. A utilização da polpa do dedo e do esteco de oleiro foram verificados em todos os níveis estratigráficos das quadras do sítio, com algumas exceções referentes à presença da palha. Desse modo, ao nos depararmos com estes dois tipos de instrumentos utilizados no tratamento da superfície, é possível sugerir que a escolha de determinada técnica pode estar condicionada à disponibilidade desse instrumento (palha) no meio ambiente, ao conhecimento da artesã sobre esse ambiente, e também, o seu uso poderia ser destinado a um determinado fim específico, mas apenas estes não nos dão subsídio para fazer alguma interpretação mais precisa.

Com relação à decoração plástica do acervo do PSG-06, os fragmentos se mostraram das seguintes maneiras: ungulado (figura 40) e digitado (figura 39), estas que apareceram somente na superfície externa. No cerrito analisado foram encontradas duas peças com o ungulado. A figura apresentada em primeira instância (ungulado) estava localizada no nível de número 3 da quadra 1000N/1000L (próximo ao topo do sítio) e a outra encontrada com a mesma decoração no nível de número 9 (nível mais próximo da base do sítio). Pelo fato de apenas dois fragmentos terem sido encontrados e estarem situados em níveis tão distintos, a possibilidade de se fazer alguma interpretação sobre mudanças na tecnologia ou até mesmo opções por determinados tipos de decoração como o ungulado, tornam-se limitadas.

Os fragmentos com o digitado (como mostra a figura mencionada acima) foram encontrados em níveis variados, com predominância no quarto nível (3 fragmentos), um no quinto, um no primeiro e o último fragmento, no nível de número 9. Estes dados nos levam a pensar que essa decoração, começou a aparecer no sítio ainda em pequena escala em um período mais recente de ocupação, demonstrado através da maior concentração entre o 4/5 nível estratigráfico.

Como apareceram alguns tipos diferentes de alisado, ou seja, diferentes estilos no acabamento desse alisamento, preferimos classificá-los também como decoração plástica. Estes que foram: alisado (figura 35), alisado irregular (figura 38), alisado áspero (figura 37) e alisado refinado (figura 36). O alisado (tratado aqui como regular), o alisado irregular (sem muita preocupação com a superfície), alisado áspero (resultado de uma argila com maior densidade de minerais) e o alisado refinado (tratamento muito bem alisado, que não apresenta nenhuma imperfeição na superfície) foram encontrados em todos os níveis estratigráficos do sítio, sendo que este último em menor escala. O que antes era visto apenas como um alisamento “simples” na bibliografia especializada, observando-se mais de perto foi possível perceber muita diversificação estilística (pelo menos, quatro tipos de variação, que remetem a técnicas e instrumentos distintos). Em nossa análise percebeu-se que essa diversificação ocorreu ao mesmo tempo, demonstrado através dos níveis estratigráficos onde foram encontrados. Estes dados apontam para possíveis escolhas de técnicas e materiais utilizados na confecção das vasilhas, seja por motivos funcionais ou escolhas pessoais.

No que se refere ao antiplástico encontrado na cerâmica da tradição Vieira, a bibliografia traz que no geral ele se encontrava de tamanho grande, chamado de pé-de-moleque (MENTZ RIBEIRO, 1977). Em nossa análise, o tamanho do antiplástico que mais apareceu é o fino, e também, se apresentaram o médio e grosso. Em alguns casos, os tamanhos aparecem simultaneamente em um mesmo fragmento (gráfico 10). Talvez essa variação granulométrica do antiplástico esteja mais relacionada à disponibilidade natural dos grãos de quartzo no banco de argila explorado, do que a escolhas específicas de granulometria.

A queima também aparece de modo alternado neste sítio, que está representado no gráfico 11. O material analisado apresentou em sua maioria uma opção na confecção por uma queima redutora. Mas além desse tipo, apresentam-se também materiais com uma queima oxidante, que resulta numa coloração mais clara da peça, e ainda, fragmentos com presença de núcleos centrais e com colorações internas e externas diferentes, resultante de outros tipos de queima (estas em números bem reduzidos de ocorrências). Segundo Schmitz (1976), a queima da cerâmica da Tradição Vieira, tanto na fase Torotama quanto na fase Vieira é oxidante. A queima redutora, resultante em uma coloração mais escura aparece predominantemente no sítio PSG-06, se repete em todos os níveis estratigráficos. Já a queima oxidante

(coloração mais clara da peça), apesar de aparecer também em níveis mais profundos do registro arqueológico, tende a ter uma ocorrência maior em níveis mais próximos do topo do sítio, que seriam, provavelmente, capas de aterro referentes a ocupações mais recentes do cerrito. Desse modo, esse dado pode nos levar a uma ideia de que as técnicas utilizadas para o cozimento das peças com o passar dos anos tendeu a priorizar uma queima oxidante.

Com alguns dados que obtivemos sobre a projeção da forma dos vasos e a constatação de fuligem nas superfícies dos fragmentos, tentamos cruzar os dados e chegar a interpretações de forma/função.

Os fragmentos de borda com vestígios de fuligem externa apareceram em 5 peças, destes 5, com a projeção feita da angulação, 2 caracterizaram-se como vasos abertos, 2 paralelos e 1 fechado. Sobre a fuligem interna, em só um fragmento foi constatado esse vestígio, e esse caracterizou-se por uma forma paralela do vaso. Dessa forma, dentre os três tipos em que foi observada a fuligem, tanto na superfície interna quanto na externa, a forma que mais apresentou esses vestígios foi a paralela. Embora os dados sejam escassos e poucas informações tenham sido encontradas, a partir dos resultados obtidos, hipoteticamente pode-se dizer que os vasos paralelos seriam os mais destinados ao cozimento e preparo de alimentos.

Um último dado que é de extrema importância para embasar mais ainda o que já foi dito, são os gráficos que produzimos a respeito da ausência e da presença de cerâmica em determinados níveis estratigráficos do sítio. Analisamos nível por nível das três quadrículas do sítio PSG-06, e os resultados foram os seguintes: foi possível perceber, quadra por quadra, que a cerâmica está presente no cerrito PSG-06 desde o primeiro nível (topo do sítio, representado nos gráficos como nível 1) até o último, sua base (nível 15). Com isso, na representação dos gráficos (18, 19 e 20) não se percebe um período pré-cerâmico no sítio, como Schmitz (1976) apontava que existiria no primeiro estrato de ocupação (fase Lagoa), ou seja, não observamos este caráter “evolutivo” no cerrito PSG-06. Pelo contrário, a presença da cerâmica se deu desde o primeiro até o último nível estratigráfico do cerrito, e com uma grande variabilidade de técnicas de confecção.

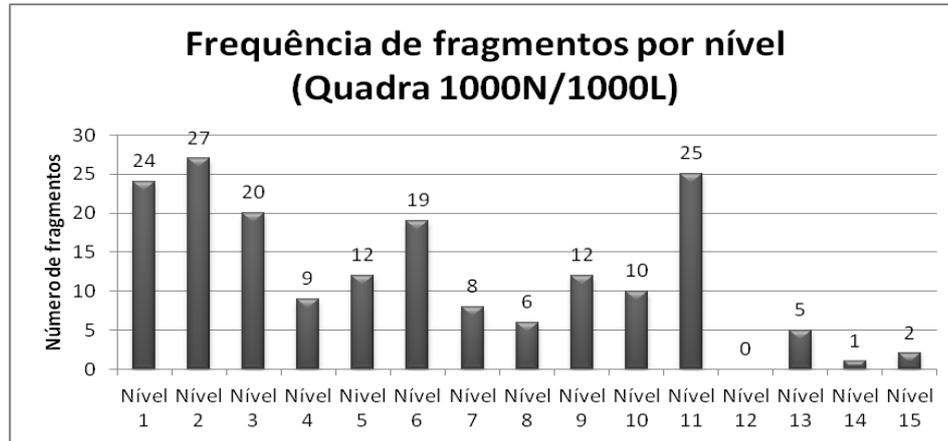


Gráfico 18 – Frequência de fragmentos cerâmicos na quadra 1000N/1000L.

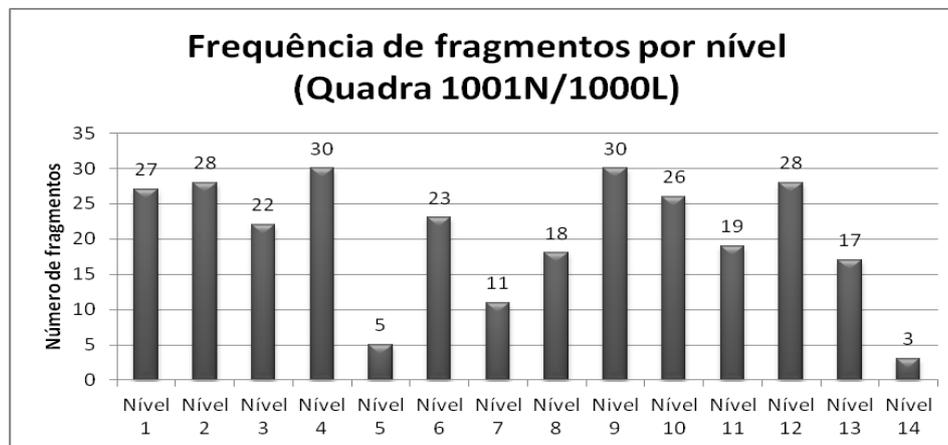


Gráfico 19 – Frequência de fragmentos cerâmicos na quadrícula 1001N/1000L.

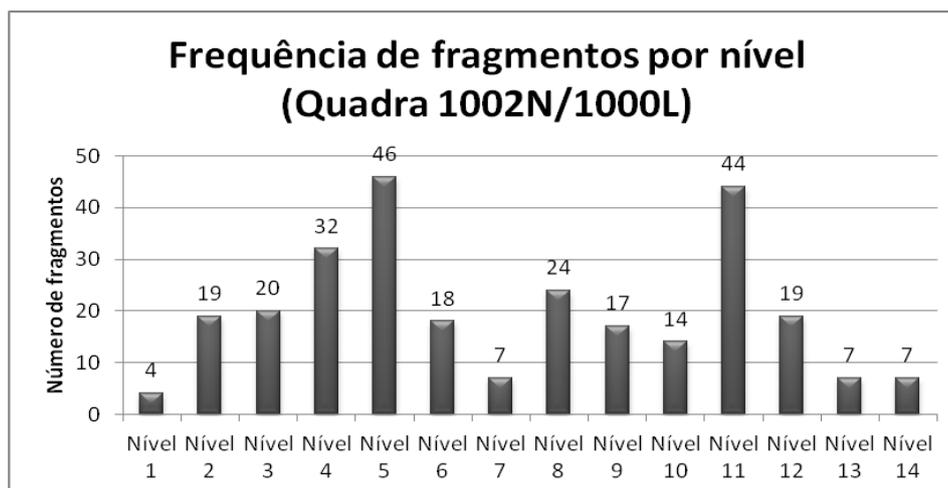


Gráfico 20 – Frequência de artefatos cerâmicos na quadrícula 1002N/1000L.

Dessa forma, sob estes diferentes tipos de tratamento da superfície, decoração plástica, tamanho de antiplásticos e de queima encontrados no cerrito estudado, concordamos com os já citados conceitos de heterogeneidade e variabilidade artefactual

que Lopez Mazz, Pizzorno e Nadal (2001) e Belletti (2010) propõe para os sítios associados à Tradição Vieira. Assim, a heterogeneidade da cerâmica dos cerritos pode ser percebida através de uma análise voltada para a cadeia operatória com o qual esses objetos passaram no seu processo de produção, ou seja, a partir de uma visão mais atenta e treinada sob o registro arqueológico.

Conclusão

Estimulados sobre a lacuna que a arqueologia dos povos construtores dos cerritos apresenta, que se caracteriza por um grande descompasso e uma descontinuidade nas investigações, nosso principal objetivo nesta pesquisa não foi responder a tudo, mas pelo menos responder a uma delas, ao qual nos é cabível: afinal, a cerâmica dos cerritos pode ser considerada mesmo como “simples”?

Ao decorrer deste trabalho, tentamos de uma forma ou outra, quebrar alguns velhos paradigmas que a arqueologia dos cerritos carrega consigo desde meados da década de 1970, quando os primeiros estudos de maior expressão foram publicados. Noções como cerâmica “tosca”, ou homogeneidade estilística na cerâmica da Tradição Vieira foram problematizadas a partir da análise individual de cada peça do acervo do PSG-06. Sob essa ótica, identificamos diferentes tipos de queima, de antiplástico, de tratamento de superfície, de forma e de tamanho, o que, prova que esses antigos modelos merecem ser revisados e reavaliados.

Nossa intenção não é impor que os antigos trabalhos estão totalmente equivocados e que devam ser desconsiderados. Pelo contrário, achamos que a tese de Schmitz, por exemplo, foi de grande importância para a arqueologia brasileira e principalmente para a do sul do Brasil, pois se trata de um trabalho pioneiro que classificou e constatou um número muito grande de sítios e culturas materiais diferentes. Contudo, novas interpretações necessitam ser feitas, e estigmas evolucionistas repensados. Dessa forma, a partir de uma análise a cerca da cadeia operatória do sítio PSG-06, buscamos mostrar que há nos cerritos uma heterogeneidade tecnológica, que a cerâmica produzida pelos cerriteiros possui uma complexidade bem maior do que se pensava e que vai além da concepção de “povos marginais”.

O fato é que, os estudos nos cerritos ainda tem um grande potencial de informações a serem exploradas, e trabalhos como este, podem fornecer dados e mais questionamentos que sejam relevantes para futuras pesquisas, não só sobre sua indústria cerâmica, mas que, a partir dela, seja possível perceber aspectos do cotidiano desses povos, sua alimentação, subsistência e até seu modo de pensar.

Referências bibliográficas

BELLETTI, Jaqueline. Uns caquinhos num montão de terra: o que fazer com eles? Discussões sobre cerritos no sudoeste da Laguna dos Patos (Rio Grande do Sul–Brasil). Trabalho de conclusão de curso – TCC. UFPEL, Pelotas, 2010.

BECKER, Ítala. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 5, pp. 125-147. São Leopoldo: IAP, 2006.

BONOMO, Mariano; POLITIS, Gustavo; GIANOTTI, Camila. Montículos, Jerarquía social y Horticultura en las sociedades indígenas del delta del Río Paraná (Argentina) pp. 297-333, Latin American Antiquity 22 (3). 2011.

BRACCO, R.; PUERTO, L.; INDA, H. Prehistoria y Arqueología de la Cuenca de Laguna Merín. IN: LOPONTE, D.; ACOSTA, A. (comp.). *Entre la Tierra y el Agua: Arqueología de Humedales de Sudamérica*, pp. 1-60. Buenos Aires: AINA, 2008.

CRUZ, José Antônio Weykamp da. Laudo Técnico Ambiental Banhado do Pontal da Barra – Caracterização e Diagnóstico Ambiental. UCPEL. Pelotas, 2008.

DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a Arqueologia brasileira: Breve histórico da implementação do PRONAPA. Revista do CEPA, pp 25-39. Santa Cruz do Sul, 1995.

GALHARDO, Danilo; LUZ, Juliana. O conceito antropológico de cadeia operatória, sua aplicação e contribuição no estudo de instrumentos líticos arqueológicos. Cadernos do LEPAARQ. UFPEL. Pelotas, 2014. No prelo.

GARCIA, Anderson; MILDNER, Saul. O lugar do ameríndio na sociedade sul rio-grandense: ancestralidade, mitos originários e o imaginário popular, História, memória e patrimônio: possibilidades educativas, pp 131-146. Jundiaí, Paco editorial: 2012.

GARCIA, Anderson Marques; MILHEIRA, Rafael Guedes. Gestão de fontes de matéria-prima lítica pelos construtores de cerritos no sul do Brasil: um estudo de caso. Espaço Ameríndio, pp. 10-36. UFRGS, v. 7. Porto Alegre, 2013.

GIANOTTI, Camila; LÓPEZ MAZZ, José. Prácticas Mortuorias en La localidad arqueológica Rincón de los índios, Rocha Uruguay. Arqueologia prehistórica Uruguay en el siglo XXI, pp 151-155. Montevideo, 2009.

LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato & Cultura, 1989.

LIMA, Tania Andrade; LÓPEZ MAZZ, José. La emergencia de complejidad entre los cazadores recolectores de la Costa Atlántica Meridional Sudamericana. Revista de Arqueología Americana, nº 17, 18, 19, pp 130-175. Instituto Panamericano de Geografía e História. México, 2000.

LOPEZ MAZZ, José; BRACCO, Diego. Minuanos. Apuntes y notas para la historia y la arqueología del territorio Guenoa-Minuan (Indígenas de Uruguay, Argentina y Brasil). Montevideo: Linardi y Risso, 2010.

LÓPEZ MAZZ, José; GIANOTTI, Camila. Cosntrucción de espacios ceremoniales públicos entre los pobladores préhistóricos de la Tierras Bajas de Uruguay: El estudio de La organización espacial en la localidad arqueológica Rincón de los Indios. Revista de Arqueologia/ Sociedade de Arqueologia Brasileira – n.11, pp 87-105. São Paulo: SAB, 1998.

LOPEZ MAZZ, J., PIZZORNO, G e NADAL, O. Propósito de la tradición Vieira. Análisis de un conjunto cerámico proveniente de un sitio con cerritos en el Rincón de Los Indios. In: Naya. Vol. 1. 2001.

LOUREIRO, A. G. Sítio PT-02-Sotéia: Análise dos processos formativos de um cerrito na região sudoeste da laguna dos Patos, RS. (Dissertação de Mestrado). USP. São Paulo, 2008.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Manual de introdução à arqueologia, pp 41,44. Porto Alegre, Sulina, 1977.

MENTZ RIBEIRO, P. A.; CALIPPO, F. R. Arqueologia e História Pré-colonial. In: TAGLIANI *et al.* *Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos. Uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*, pp. 13-40. FURG. Rio Grande, 2000.

MILHEIRA, Rafael. Programa arqueológico de diagnóstico e prospecção na região do Pontal da Barra, Pelotas – RS. *Revista Memória em Rede* v.2, n.7, pp 1-27. Pelotas, 2012.

MILHEIRA, Rafael Guedes. *Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e serra do Sudeste*. 1. ed. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MILHEIRA, Rafael Guedes. Relatório de projeto de pesquisa que visa subsidiar processo de chancela de paisagem, referente ao ofício nº 0421/13, 78p. – IPHAN/RS, UFPEL. Pelotas, 2013.

MILHEIRA, Rafael. Território e estratégia de assentamento Guarani na Planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudoeste - RS. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, USP. São Paulo, 2008.

MILHEIRA, Rafael Guedes; PEÇANHA, Mateus Guedes; MÜHLEN, Cristiano Von. Mapeamento Arqueológico dos Cerritos da Lagoa do Fragata, Capão do Leão-RS. In: Juliano Bitencourt Campos; Jairo José Zocche; Jedson Francisco Cerezer; Luiz Miguel Oosterbeek. (Orgs.). *Arqueologia Ibero-americana e Transatlântica: Arqueologia, Sociedade e Território*, pp 51-70, 1ed. Erechim: Habilis, 2014.

PERÉZ, Leonel Cabrera. Construcciones en tierra y estructura social en el Sur del Brasil y Este de Uruguay (Ca. 4.000 a 300 a. A.P.) *Revista Techne*, pp 25-33. Montevideo, 2013.

RODRIGUES, Robson. Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: Um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no Vale do Rio Feio/Aguepei. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, USP. São Paulo, 2007.

RYE, O. S. *Pottery Technology: Principles and Reconstruction*. Washington, D.C.: Taraxacum, 1981.

SCHMITZ, Pedro; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala. Os aterros do sul: a tradição Vieira. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 5*, pp 101-124. São Leopoldo: IAP, 2006.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Tese de Livre Docência, 1976.

SERRANO, Antonio. The Charrua. In: STEWARD, Julian. Org: *The Handbook of South American Indians: Marginal Tribes*, pp. 191-196. Washington, DC: Smithsonian Institution. 1946.

STEWARD, Julian. Org: *The Handbook of South American Indians: Marginal Tribes*. Washington, DC: Smithsonian Institution. 1946.

ULGUIM, P. F. Zooarqueologia e o estudo dos grupos contrutores de cerritos: um estudo de caso no litoral da laguna dos Patos-RS, sítio PT-02 cerrito da sotéia. (Monografia). UFPEL. Pelotas, 2010.

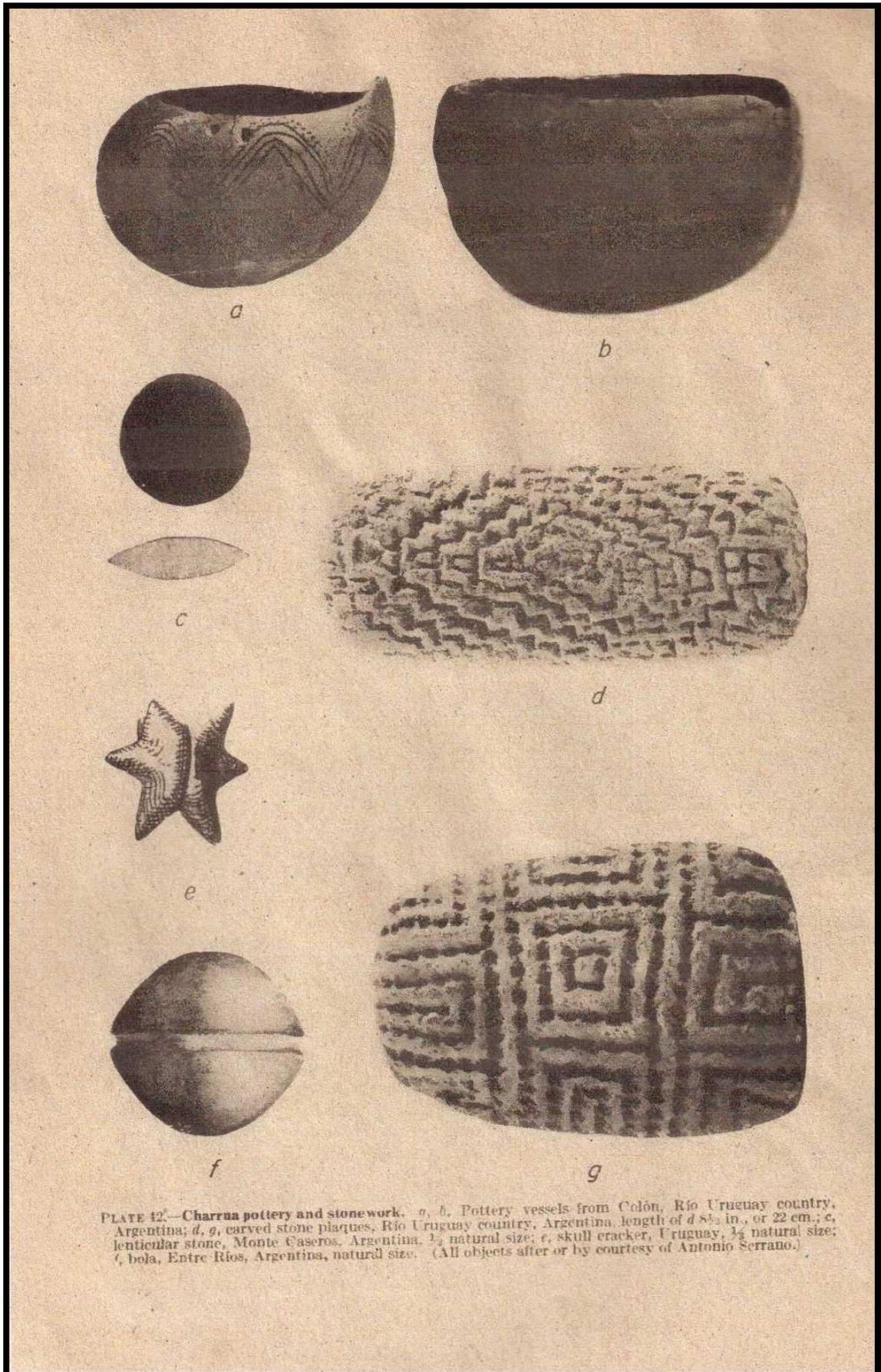
ANEXOS

<p style="text-align: center;">Lepaariq Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia UFPA</p> <p style="text-align: center;">CODIFICAÇÃO DA FICHA DE ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO</p> <p style="text-align: center;">Dados gerais</p> <p>CAT - Número de catálogo Exemplo: 111.01.133</p> <p>QUA - Quadrícula Exemplo: 1000N999E</p> <p>NIV - Nível Exemplo: 3 (20-30 cm)</p> <p>CLA - Classe 1. Fragmento de parede 2. Fragmento de borda 3. Fragmento de base 4. Forma completa (mais de 50% do vasilhama) 5. Bolota de argila</p> <p>ESP - Espessura da peça (medido em mm) COM - Comprimento da peça (medido em mm) LAR - Largura da peça (medido em mm)</p> <p style="text-align: center;">Dados da borda, forma do vaso e lábio.</p> <p>DIB - Diâmetro da borda (medido em centímetros com auxílio do albac)</p> <p>POB - Porcentagem do tamanho da borda (intervalos de 2,5%)</p> <p>FOB - Forma da Borda 1. Dura 2. Infundida 3. Extrovertida</p> <p>TIB - Tipos de Borda 1. Simples 2. Reforçada interna 3. Reforçada externa</p> <p>IBO - Inclinação da borda 1. 151-180° 4. 61-90° 2. 121-150° 5. 31-60° 3. 91-120° 6. 0-30°</p> <p>FOV - Forma do vaso 1. Aberto 2. Fechado 3. Paralelo</p> <p>FOE - Forma do lábio 1. Apontado 2. Arredondado 3. Biselado 4. Expandido 5. Plano</p> <p>ELA - Espessura do lábio (medido em milímetros)</p> <p>DEL - Decoração do lábio 1. Alisado 2. Corugado 5. Balizado 3. Digitado 6. Inciso 4. Ungulado 7. Escovado 8. Pintado</p>	<p>9. Engobo 10. Corugado Ungulado</p> <p style="text-align: right;">99. Não identificado</p> <p style="text-align: center;">Dados da base</p> <p>DBA - Diâmetro da Base Medido em centímetros com auxílio do albac</p> <p>FBA - Porcentagem da Base De acordo com Rize (1987)</p> <p>FBA - Forma da base 1. Bi-Plana 2. Plano côncava 3. Plano convexa 4. Côncava plana 5. Convexa plana</p> <p>6. Bi-Côncava 7. Côncava convexa 8. Convexa côncava 9. Bi-Convexa</p> <p>IBA - Inclinação da base 1. 0-30° 2. 31-60° 3. 61-90°</p> <p>4. 91-120° 5. 121-150° 6. 151-180°</p> <p style="text-align: center;">Dados tecnológicos</p> <p>ANT - Antiplástico 1. Mineral 2. Mineral e Caco moído 3. Mineral e Vegetal 4. Mineral e Carvão 5. Mineral e Hamatita 6. Mineral e Concha moída</p> <p>7. Mineral, Caco moído e Vegetal. 8. Mineral, Caco moído e Concha moída. 9. Mineral, Caco moído e Carvão. 10. Mineral, Caco Moído e Hamatita. 11. Mineral, Hamatita e Vegetal. 99. Sem Leitura</p> <p>FAN - Frequência do antiplástico 1. Pouco antiplástico: pasta muito plástica (10% ou menos de antiplástico) 2. Presença mediana: pasta plástica (de 10 a 30% de antiplástico) 3. Abundância de antiplástico: pasta seca (mais de 30% de antiplástico)</p> <p>TAN - Tamanho do Antiplástico Também máximo de cada antiplástico 1. Mineral fino (até 2mm) 2. Mineral médio (de 2 - 4 mm) 3. Mineral grosso (mais que 4 mm) 4. Mineral fino e médio</p> <p>5. Mineral fino e grosso 6. Mineral médio e grosso 7. Mineral Fino, médio e grosso.</p> <p>TEC - Técnica de Construção 1. Rolado 2. Modelada 3. Moldada</p> <p>4. Acordolada e Modelada 99. Sem Leitura</p> <p>QUE - Queima 1. Seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do laranja tijolo ao amarelo. 2. Seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do cinza claro ao pardo. 3. Seção transversal com presença de núcleo central escuro e uma camada interna e externa clara. 4. Seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do cinza ao preto. 5. Seção transversal com uma camada clara na parte externa e uma camada escura na parte interna. 6. Seção transversal com uma camada escura na parte externa e uma camada clara na parte interna. 7. Seção transversal com presença de núcleo central espesso e camadas claras e finas externa. 8. Seção transversal com presença de camadas claras e escuras de modo alternado.</p> <p>TSU - Tratamento de superfície interna 1. Alisado interno 2. Alisado interno e plástica 3. Alisado interno e engobo 4. Alisado interno e pintura 5. Alisado interno, engobo e pintura</p> <p>6. Alisado interno e brunidura 7. Alisado interno e polimento 8. Alisado interno, esfumado. 9. Alisado interno, esfumado e polimento. 9. Alisado interno, engobo e pintura.</p>
<p>10. Alisado interno, esfumado e brunidura</p> <p>TSE - Tratamento de superfície externa 11. Alisado externo 12. Alisado externo e plástica 13. Alisado externo e engobo 14. Alisado externo e pintura 15. Alisado externo, engobo e pintura 16. Alisado externo e brunidura 17. Alisado externo e polimento 18. Plástica externa (oblição dos roletes) 19. Sem leitura 20. Alisado externo, esfumado 21. Alisado externo, esfumado e polimento. 22. Alisado externo, esfumado e brunidura.</p> <p>INU - Instrumento utilizado 1. Polpa do dedo 2. Unha (ungulado) 3. Esteco de oleiro (apêndice) 4. Instrumento esférico liso (seixo, cabeça) 5. Instrumento rombudo (iniciações e pontado côncavo) 6. Instrumento pontado (iniciações e pontado côncavo) 7. Sábugo/palha trançada (escovado)</p> <p style="text-align: center;">Dados de decoração</p> <p>CEN - Cor do Engobo 1. Ausente 2. Vermelho interno 3. Vermelho externo 4. Vermelho interno e externo 5. Branco interno 6. Branco externo 7. Branco interno e externo 8. Vermelho interno e Branco externo</p> <p>9. Branco interno e Vermelho externo 10. Alarajado interno 11. Alarajado externo 12. Alarajado interno e externo 13. Branco interno e vermelho externo 14. Preto interno 15. Preto interno e externo 16. Preto externo</p> <p>TDP - Tipo de Decoração Plástica 1. Simples interno 2. Simples externo 3. Simples interno e externo</p> <p>DPI - Decoração Plástica Interna DPE - Decoração Plástica Externa 1. Alisado 11. Não alisado 12. Alisado áspero 13. Alisado refinado 2. Corugado 3. Digitado 4. Ungulado 5. Inciso 6. Escovado 6. Pontado 61. Amarrado 99. Não identificado</p> <p>AED - Altura e/ou Profundidade da Decoração Plástica LED - Largura da Expressão Decorativa Plástica CED - Comprimento da Expressão Decorativa Plástica</p> <p style="text-align: center;">Dados da pintura</p> <p>PCP - Cor da Pintura 1. Ausente 2. Vermelha interna 3. Vermelha externa 4. Vermelha interna e externa 5. Preta interna</p> <p>6. Preta externa 7. Preta interna e externa 8. Vermelha e preta interna 9. Vermelha e preta externa 10. Vermelha e preta interna e externa</p>	<p>MCI - Motivos da Pintura Interna MCE - Motivos da Pintura Externa 1. Ausente 2. Vestígios 21. Vestígios não classificáveis 22. Composição vestigial de linhas retas 23. Composição vestigial de linhas curvas 24. Composição vestigial de linhas retas e curvas 2. Linhas Retilíneas 31. Composição de linhas retas verticais 32. Composição incompleta de linhas retas horizontais, verticais e oblíquas. 4. Linhas Curvilíneas 41. Composição de linhas curvas simples</p> <p style="text-align: center;">Marcas</p> <p>MAL - Marcas de Uso 1. Ausente 2. Fuligem na superfície externa 3. Depósitos de carbono na superfície interna 4. Depressões circulares causadas por líquidos na face interna 5. Depressões circulares densas causadas por óleos no preparo de alimentos 6. Desgaste por atrito na parte superior da borda interna 7. Descamação na parte interna 8. Mancha de oxidação por calor do fogo 9. Fuligem interna 99. Sem leitura</p> <p>FPD - Fatores Pós-Deposicionais 1. Ausente 2. Limbo 3. Desgaste externo 4. Descamação 5. Crosta preta 6. Desgaste interno</p> <p>7. Desgaste externo e interno 8. Fissuras Rachaduras 9. Desgaste e fissuras rachaduras 10. Raias 99. Sem leitura</p>

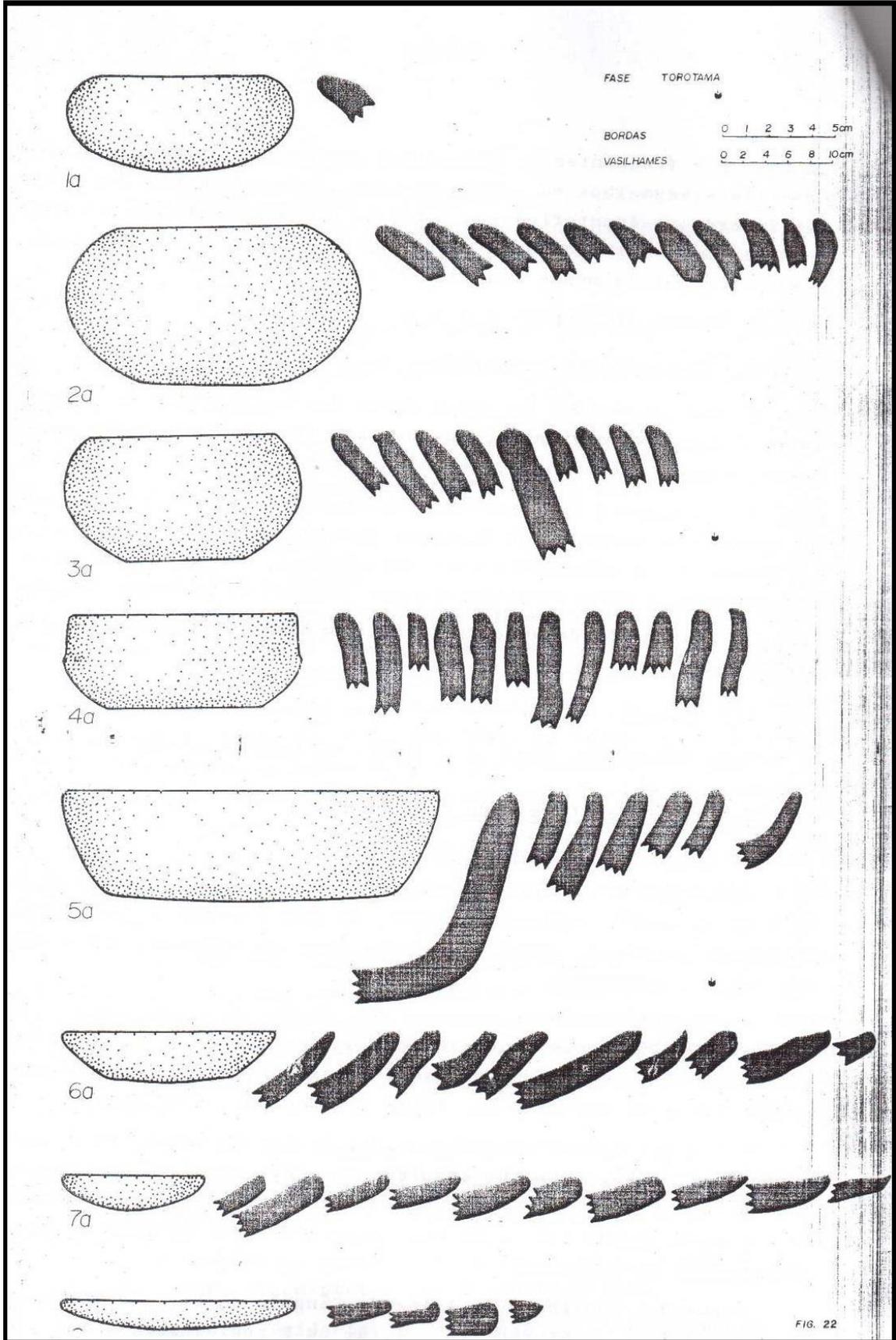
Anexo 1 – Modelo de codificação para material cerâmico do Lepaariq.



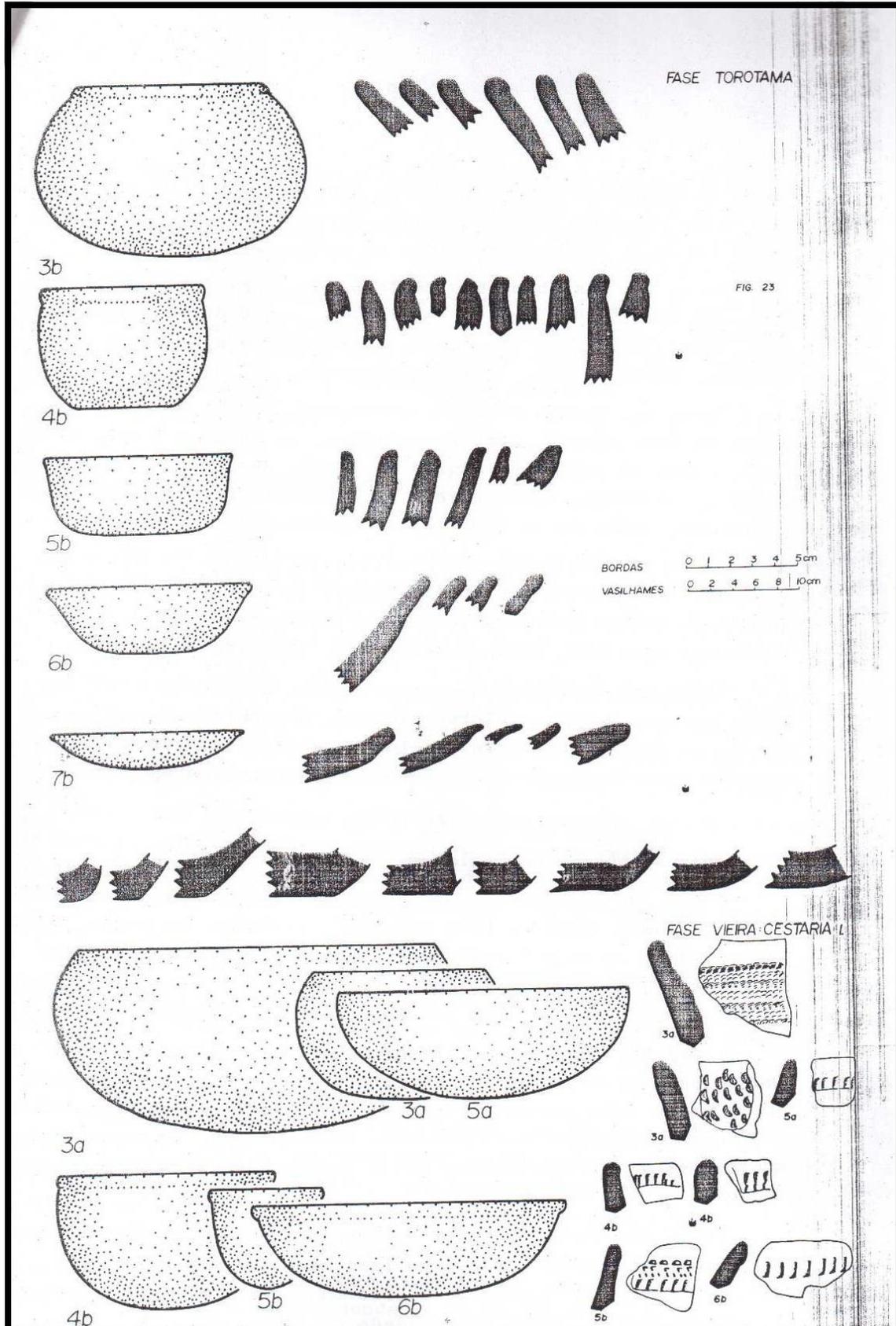
Anexo 4 - Foto de todo acervo cerâmico do sítio PSG-06.



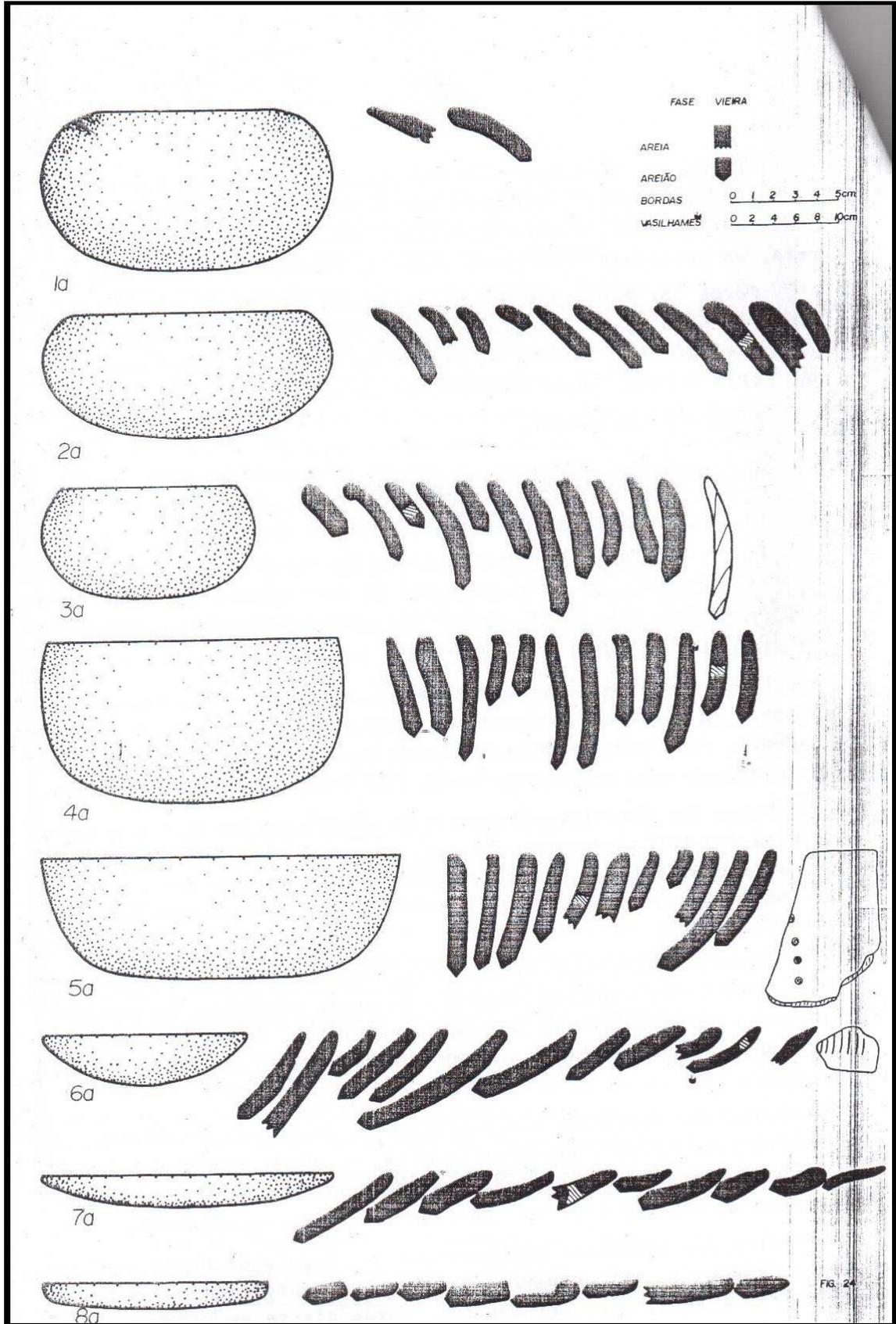
Anexo 5 – Representação da cerâmica Charrua (SERRANO, 1946).



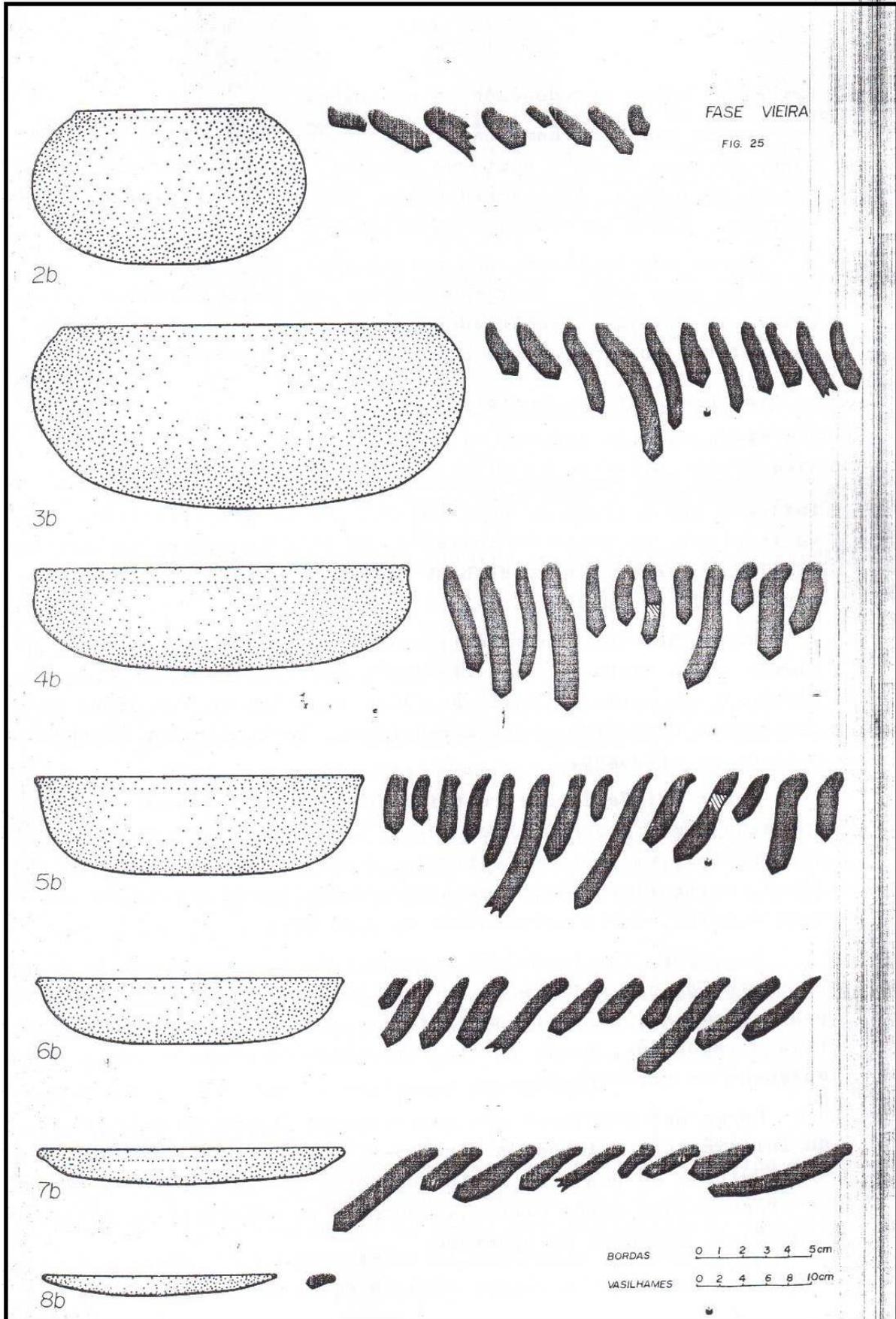
Anexo 6 – Cerâmica da Tradição Viera, fase Torotama (SCHMITZ, 1976).



Anexo 7 – Cerâmica da Tradição Vieira, fase Torotama e fase Vieira Cestaria (SCHMITZ, 1976).



Anexo 8 – Cerâmica da Tradição Vieira, fase Vieira (SCHMITZ, 1976).



Anexo 9 – Cerâmica da Tradição Vieira, fase Vieira (SCHMITZ, 1976).

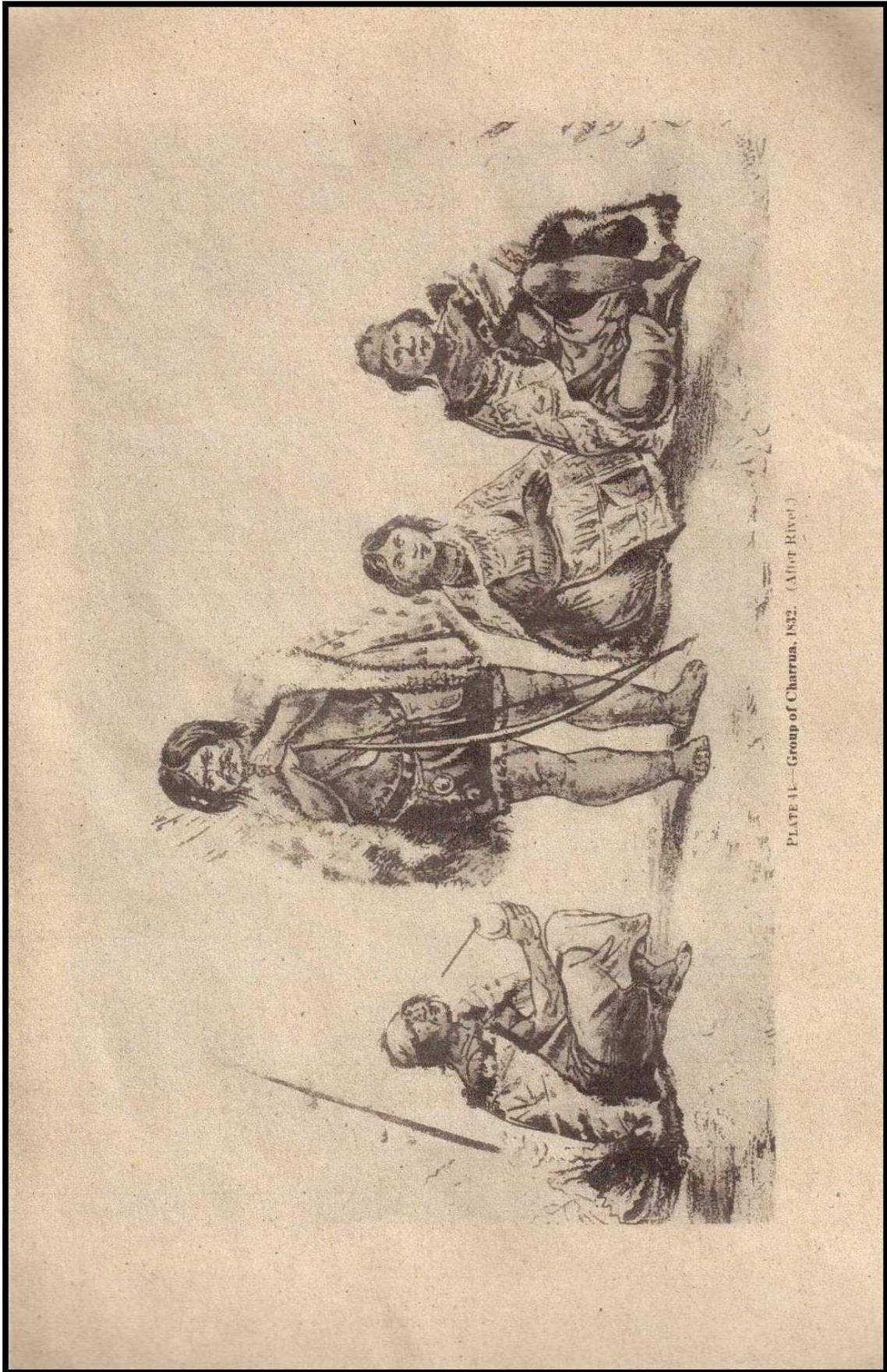


PLATE 14.—Group of Charrua, 1832. (After Rivet.)

Anexo 10 – Representação da etnia Charrua (SERRANO, 1946).